

Noticiário

EDIÇÃO 504
ANO 63
JUN/JUL 2018



O cocho ideal

O uso correto desta instalação é determinante para obter melhores resultados com a suplementação do rebanho

Entrevista

Evaristo Miranda, chefe-geral da Embrapa



Programa Boi Verde

Pacote tecnológico com os Minerais Tortuga[®] que proporciona os melhores resultados zootécnicos e lucro para o produtor.

Quem usa o Programa Boi Verde sabe que sua relação custo-benefício é excelente. A tecnologia exclusiva dos Minerais Tortuga[®] oferece a suplementação nutricional ideal para a diminuição do tempo de abate, o melhor acabamento de carcaça e carne de qualidade superior, o que é valorizado pelo mercado e gera maior retorno econômico ao produtor. [Saiba mais sobre o programa e sobre o Fosbovi[®] Proteico 35 com Monensina bit.ly/boi_verde](https://bit.ly/boi_verde)

www.tortuga.com.br



Fosbovi[®] Proteico 35 com Monensina

Indicado para suplementação mineral proteica
de bovinos de corte na época de seca.

ESTE PRODUTO CONTÉM IONÓFOROS.
Não permitir que cavalos ou outros equídeos
tenham acesso a produtos contendo monensina.



Entrevista | Evaristo Miranda

O Brasil é verde

08



Capa

O cocho ideal

12

Sucessão & Sucesso

**A geração que disse sim
ao campo e não se arrepende**

22



Programa PITT

**Confinamento Santa Rosa:
Evolução nos resultados com adoção
de novas tecnologias**

62

Nossa Gente

**Tecnologia a serviço
da nutrição animal**

72



Segmentos

Confinamento	34	Gado de Leite	44	Aves	54
Gado de Corte	36	Equídeos	52		

Seções

Cotações	07	Agroindústria de Ração	58	Nossa Gente	72
Sucessão & Sucesso	22	Semana da Revenda	60	Institucional	76
Economia & Negócios	26	Programa PITT	62	Na Lida do Dia a Dia	78
Pesquisa, Tecnologia e Inovação	30	DSM Participa	70	Túnel do Tempo	79
DSM Visita	57				



Manejo nutricional em foco



Oferecer orientações e as ferramentas necessárias para que o produtor possa incrementar o seu negócio em qualquer período do ano, melhorando o desempenho dos animais por meio da nutrição adequada e, consequentemente, garantindo maior lucratividade é uma das metas da DSM.

Nesse sentido, o uso correto do cocho, equipamento indispensável ao dia a dia do manejo nutricional, é determinante para obter melhores resultados com a suplementação do rebanho, inclusive no período mais seco do ano.

Independentemente do tipo de pecuária desenvolvida na fazenda, o cocho merece cuidados tanto na fase de instalação quanto no seu uso cotidiano. Afinal, trata-se do “prato” do boi e precisa estar adequado ao tipo de “comida”, como explica a nossa Reportagem de Capa.

O momento de iniciar o confinamento está se aproximando e, para ajudarmos os pecuaristas na tomada da decisão, realizamos anualmente, de abril a junho, o ciclo de Simpósios DSM de Confinamento que, neste ano, percorreu 13 cidades de nove estados brasileiros e reuniu um público de aproximadamente duas mil pessoas. Os eventos levaram informações técnicas e de mercado ao produtor, com o objetivo de auxiliar o processo de planejamento dos confinadores antes do fechamento dos animais para a engorda, com foco no máximo desempenho zootécnico e nos mais altos índices de produtividade e rentabilidade.

Outro evento promovido pela DSM, a Semana da Revenda, realizada simultaneamente em 212 revendas e cooperativas de todo o Brasil e que teve a participação de 6.500 pessoas. O objetivo: aproximar a empresa do elo final da cadeia de nutrição animal e, com isso, entender as suas necessidades e os anseios, além de esclarecer dúvidas dos produtores.

Para o nosso entrevistado dessa edição, Evaristo Miranda, chefe-geral da EMBRAPA Territorial, o produtor rural é o maior preservador ambiental. As informações registradas no Sistema Nacional de Cadastro Ambiental Rural (SiCAR), até janeiro de 2017, mostram que os produtores destinam à preservação da vegetação nativa 49% da área de seus imóveis, o equivalente a 20,5% do território brasileiro, número que representa mais do que todas as unidades de conservação e as terras indígenas juntas.

Essas e outras reportagens, entre os cases de “Sucesso&Sucesso”, do “Programa PITT” e da “Agroindústria de ração”, além das projeções do mercado em “Economia&Negócios”, você confere a seguir.

Boa leitura!

Ariel Maffi

Vice-Presidente Ruminantes Brasil

Noticiário



O Noticiário é um veículo de comunicação da DSM Produtos Nutricionais Brasil, publicado desde 1955 e de distribuição gratuita. O conteúdo e as opiniões expressas nos artigos assinados são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a opinião da empresa.

DSM Produtos Nutricionais Brasil
Av. Brig. Faria Lima, 2.066 13º andar - São Paulo / SP
CEP 01452-905
Tel.: (11) 3728-7700 - Fax: (11) 3728-6122
E-mail: marketing-ruminantes.brasil@dsm.com
SAC 0800 011 6262 - www.noticiariotortuga.com.br

Conselho Editorial

Ariel Maffi
Juliano Sabella
Servio Tulio Ramalho Pinto
Luis Tamassia
Augusto Adami
Rodolfo Pereyra
Francisco Piraces
Andreza Pujol
Monica Bueno
Fernanda Mendonça Rodrigues
Adriana Pineda
Carlos Alberto da Silva

Colaboraram nesta edição

Alceu Miguel D. Junior
Alessandra da Paz
Cristiane Mariano
Cristina Simões Cortinhas
Danilo H. Moraes Heim
Dimas Pereira
Dimitri Moreira de Freitas
Flavio Abreu Lage
João Paulo Franco da Silveira
Juliano Bezeze
Julio César G. Santos
Liberato Oliveira
Luis Otavio Affonso Bosque
Murillo Calazans Thomaz
Pedro Bittencourt Trindade
Sergio De Zen
Shirley Menezes
Thiago Bernardino de Carvalho

 tortuga.com.br/blog

 facebook.com/tortugadsm

 instagram.com/tortuga.dsm

 youtube.com/TortugaDSM

Editor

Carlos Alberto da Silva | Mtb 20.330

Jornalista Responsável

Mylene Abud | Mtb 18.572

Reportagens

Mylene Abud | Mtb 18.572

Larissa Vieira | Mtb MG 09.513 P

Revisão

Mylene Abud

Projeto Gráfico, Diagramação e Edição de Arte

Gutche Alborgheti

Produção e Circulação

Tortuga, uma marca DSM

Fotos

Arquivo Tortuga, uma marca DSM

Arquivo Publique Banco de Imagens, Arquivo IstockPhoto,
Suzi Carneiro/Embrapa (Entrevista Evaristo Miranda)

Impressão

Gráfica Araguaia

Tiragem

45 mil exemplares



Soluções de Marketing em Agropólios

Caixa Postal 85 - CEP 18260-000

Estrada Municipal Bairro dos Mirandas, s/n

Porangaba, SP - Brasil • (11) 3042.6312

www.publique.com • publique@publique.com



O **Noticiário** também pode ser lido através de aplicativo disponível para iOS e Android.

Confira também o **Noticiário** na versão *online*:
www.noticiariotortuga.com.br

Para receber o **Noticiário** em sua residência, escritório ou fazenda, preencha o formulário:
<https://cadnoticiario.tortuga.com.br/home.aspx>



3º TRIMESTRE 2017	jul/17	ago/17	set/17
Boi Gordo (@)	R\$ 124,50 - US\$ 38,84	R\$ 133,71 - US\$ 42,42	R\$ 143,47 - US\$ 45,76
Suínos (@)	54,05	60,66	58,75
Frango Vivo (kg)	2,50	2,50	2,50
Ovos Bco Ext. (3odz)	83,66	80,36	74,52
Leite (L)	1,38	1,38	1,37
Milho (saca)	26,33	26,67	29,11
Soja (saca)	72,24	69,83	70,41

4º TRIMESTRE 2017	out/17	nov/17	dez/17
Boi Gordo (@)	R\$ 140,78 - US\$ 44,12	R\$ 141 - US\$ 43,31	R\$ 145,23 - US\$ 44,12
Suínos (@)	59,92	59,78	57,13
Frango Vivo (kg)	2,63	2,70	2,70
Ovos Bco Ext. (3odz)	69,36	65,84	65,74
Leite (L)	1,32	1,42	1,28
Milho (saca)	31,26	31,75	32,28
Soja (saca)	71,47	73,87	74,24

Média do dólar
U\$

jul/17	3,21
ago/17	3,15
set/17	3,14
out/17	3,19
nov/17	3,26
dez/17	3,29
jan/18	3,21
fev/18	3,24
mar/18	3,27
abr/18	3,41
mai/18	3,63
jun/18	3,78

1º TRIMESTRE 2018	jan/18	fev/18	mar/18
Boi Gordo (R\$/@; estado de São Paulo)	R\$ 146,53	R\$ 145,09	R\$ 144,80
Suínos (R\$/kg; estado de São Paulo)	R\$ 3,80	R\$ 3,47	R\$ 3,18
Frango Congelado (R\$/kg; Grande São Paulo)	R\$ 3,57	R\$ 3,38	R\$ 3,28
Ovos Branco (R\$/cx de 30 dúzias; Grande São Paulo)	R\$ 69,29	R\$ 82,19	R\$ 90,22
Leite (R\$/litro - média Brasil)	R\$ 0,9832	R\$ 1,0204	R\$ 1,0745
Milho (R\$/saca de 60 kg; Campinas - SP)	R\$ 32,70	R\$ 34,76	R\$ 41,37
Soja (R\$/saca de 60 kg; Paraná)	R\$ 67,42	R\$ 69,43	R\$ 73,64

2º TRIMESTRE 2018	abr/18	mai/18	jun/18
Boi Gordo (R\$/@; estado de São Paulo)	R\$ 144,57	R\$ 141,65	R\$ 139,09
Suínos (R\$/kg; estado de São Paulo)	R\$ 2,96	R\$ 3,00	R\$ 3,44
Frango Congelado (R\$/kg; Grande São Paulo)	R\$ 3,02	R\$ 3,27	R\$ 4,44
Ovos Branco (R\$/cx de 30 dúzias; Grande São Paulo)	R\$ 67,75	R\$ 62,84	R\$ 80,23
Leite (R\$/litro - média Brasil)	R\$ 1,266	R\$ 1,37	R\$ 1,408
Milho (R\$/saca de 60 kg; Campinas - SP)	R\$ 39,27	R\$ 42,05	R\$ 39,87
Soja (R\$/saca de 60 kg; Paraná)	R\$ 79,60	R\$ 80,32	R\$ 78,44

Fontes / Ano 2017:

Leite - Jornal Valor Econômico
<http://www.cepea.esalq.usp.br/milho/>
<http://www.cepea.esalq.usp.br/soja/>
<http://www.cepea.esalq.usp.br/suino/>
<http://www.cepea.esalq.usp.br/boi/>
<http://www.avisite.com.br/economia/cotacoes.asp?acao=frango>
<http://www.avisite.com.br/economia/cotacoes.asp?acao=ovo>

Fonte / Ano 2018: Cepea



O Brasil é verde

Produtor rural é o maior preservador ambiental

Mylene Abud

Chefe-geral da EMBRAPA Territorial, Evaristo Miranda é referência quando se fala em agropecuária, sustentabilidade e preservação ambiental. Engenheiro-agrônomo, Mestre e Doutor em Ecologia pela Universidade de Montpellier, na França, tem centenas de trabalhos publicados no Brasil e no exterior e é autor de 35 livros. Em sua opinião, a sociedade não reconhece o que agropecuária faz pelo meio ambiente. “Para reconhecer, precisa conhecer”, afirma.

Seu mais recente trabalho, o livro “Tons de Verde: a sustentabilidade da agricultura no Brasil”, lançado na Agrishow, em Ribeirão Preto (SP), fala exatamente sobre isso, ao apresentar dados, como a preservação da vegetação nativa em milhões de imóveis rurais brasileiros, e mostrar a face ainda pouco conhecida pelo público: a sustentabilidade ambiental do agro brasileiro.

“66,3% do território nacional estão dedicados à preservação da vegetação nativa. O cultivo da terra só ocupa 7,8% do território nacional e a pecuária, incluindo toda a questão da conservação da vegetação das pastagens nativas, ocupa 21,2%. É uma situação excepcional. Nenhum país do mundo com mais de dois milhões de quilômetros quadrados faz isso”, ressaltou Evaristo Miranda durante a entrevista que você confere a seguir.

Noticiário - Em seus artigos e livros, o sr. defende que o pecuarista é o maior preservador ambiental. Em que essa afirmação se baseia?

Evaristo Miranda - Na verdade, a Embrapa Territorial tem revelado que o produtor rural (agricultores e pecuaristas) é o maior preservador ambiental. A afirmação está fundamentada na análise dos dados do Sistema Nacional de Cadastro Ambiental Rural (SiCAR). As informações registradas no sistema até janeiro de 2017 apontavam que os produtores destinam à preservação da vegetação nativa 49% da área de seus imóveis, o equivalente a 20,5% do território brasileiro. Isso é mais do que todas as unidades de conservação e as terras indígenas juntas. Esses números vão aumentar, pois ainda não incluem os estados de Mato Grosso e do Espírito Santo.



66,3% do território nacional estão dedicados à preservação da vegetação nativa. O cultivo da terra só ocupa 7,8% do território nacional e a pecuária, incluindo toda a questão da conservação da vegetação das pastagens nativas, ocupa 21,2%. É uma situação excepcional.



Noticiário - Um grande problema frequentemente apontado em relação à bovinocultura extensiva é a degradação das pastagens, o que afetaria diretamente a sustentabilidade do sistema produtivo, além de promover grande impacto ambiental. Essa preocupação se justifica?

Evaristo Miranda - Cabe perguntar o quanto isso é real porque o que nós observamos, nos últimos 20 anos, foi uma redução da área das pastagens e um aumento muito grande do rebanho. Então, o fenômeno que está ocorrendo no Brasil, pelo contrário, é o aumento da produtividade das pastagens. Se a degradação estivesse aumentando, nós teríamos menos bois nessas áreas. Mas o que nós temos é muito mais bois em área cada vez menor. Esse tema tem que ser tratado com dados, e não com ‘achismo’.

Noticiário - Qual o balanço do setor nesses cinco anos do Novo Código Florestal?

Evaristo Miranda - Quando houve a aprovação do Novo Código Florestal, pessoas e organizações vaticinaram que ele ampliaria o desmatamento no Brasil e traria ameaças à preservação da vegetação nativa. E não foi isso o que ocorreu. Passados cinco anos, houve redução do desmatamento e maior segurança jurídica para os imóveis rurais. Passamos, também, a conhecer – e, quem sabe, a reconhecer – o papel decisivo dos agricultores na preservação da vegetação nativa.





Noticiário - Em seus artigos, o sr. defende que a vegetação nativa de áreas como o Pantanal, a pampa e a caatinga, por exemplo, vêm sendo mantidas em equilíbrio pela pecuária há séculos.

Evaristo Miranda - Existem, no Brasil, formações vegetais nativas que não são predominantemente florestais. Entre elas, destacam-se: o pantanal, a pampa, os campos nativos ou campos de altitude e a caatinga. Desde o povoamento português, essas áreas foram ocupadas pela pecuária de forma sustentável. No Nordeste, com pequenos ruminantes, caprinos e ovinos predominantemente; nas outras regiões, com diversas raças bovinas adaptadas a esses ambientes. Não ocorre, nesses casos, a remoção ou a substituição da vegetação nativa por cultivos. Existe uma evolução da vegetação sobre o pastejo, mas ela se mantém. Os estudos da Embrapa Territorial mostram que, hoje, 8% do território nacional são ocupados por pastagens nativas e conservadas graças ao uso pecuário.

Noticiário - Qual a importância da Integração Lavoura-Pecuária (ILP) e da Integração Lavoura-Pecuária-Floresta (ILPF) para o processo?

Evaristo Miranda - Nos últimos anos, tornou-se comum afirmar não ser preciso derrubar árvores, pois a agricultura pode expandir-se substituindo pastagens. Isso é verdade. Mas nós temos, agora, outra solução: o sistema de lavoura-pecuária ganha espaço anualmente no Brasil. Não há antagonismo entre a agricultura e a pastagem, é possível manter as duas atividades na mesma área. Esse sistema evoluiu tanto que temos, agora, um paradoxo. Nas regiões Sul e Sudeste, usualmente o gado perdia peso no inverno. Agora, ele ganha peso, graças a esse sistema de integração lavoura-pecuária.

Noticiário - Em que medida o uso de tecnologias, como o manejo bem conduzido, com economia de água e de energia, e a nutrição animal podem contribuir para a sustentabilidade da pecuária?

Evaristo Miranda - Sustentabilidade é sinônimo de competitividade e de tecnologia. Não existe sustentabilidade sem inovação tecnológica, e a inovação tecnológica tem que levar à sustentabilidade econômica, ambiental e social. Ao contrário do universo da agricultura, o da pecuária é extremamente diversificado. Nós temos a pecuária em seis biomas, com sistemas que vão desde os mais extensivos até os mais intensivos. Todos eles têm que buscar sua sustentabilidade dentro de seus contextos.

Noticiário - No dia 2 de maio, durante a Agrishow, em Ribeirão Preto (SP), o sr. lançou seu mais recente livro, “Tons de verde: a sustentabilidade da agricultura no Brasil”. Como surgiu a ideia desse projeto?

Evaristo Miranda - Eu já publiquei livros sobre a agricultura brasileira, como “Agricultura no Brasil no século XXI”, que traça um panorama de toda a diversidade e a dimensão das atividades agropecuárias no País, em termos de produção de fibras, de energia, de alimentos ou de produtos especiais. Porém, faltava uma publicação que mostrasse como o País faz isso, ou seja, a forma sustentável da agricultura brasileira.

Os pecuaristas desconhecem as técnicas sustentáveis que são praticadas, hoje, na soja, no milho e no feijão. E, também, os lavradores desconhecem as práticas sustentáveis que existem na pecuária. A intenção desse livro foi mostrar duas coisas. De um lado, a contribuição da agricultura brasileira para a preservação da vegetação nativa, porque, em média, o produtor rural brasileiro só usa metade de seu imóvel; a outra metade está destinada à preservação. Do outro lado, mostro como ele usa essa área de forma sustentável e apresenta, em blocos, todas as tecnologias da sustentabilidade. Acho que é o único livro existente hoje que mostra o conjunto da sustentabilidade da agricultura brasileira, tanto nas áreas exploradas como nas que não são exploradas.

Noticiário - Ao longo do livro, apoiado em dados científicos, o senhor procura desvendar alguns mitos em relação à agricultura. Quais são os principais mitos?

Evaristo Miranda - As pesquisas que a Embrapa Territorial tem realizado com base nos dados do Cadastro Ambiental Rural (CAR) demonstram como nenhuma categoria profissional dedica tanto de seu patrimônio pessoal, do seu tempo e de seus recursos para a preservação da vegetação nativa quanto os agricultores. Esses dados permitiram quantificar isso em cada estado e em cada microrregião, com detalhes de dez metros. Hoje, os agricultores imobilizam, de seus imóveis rurais, mais de 200 milhões de hectares. Só em termos de terra, isso significa um patrimônio da ordem R\$ 3,1 trilhões. A sociedade não reconhece o que

agropecuária faz pelo meio ambiente. Para reconhecer, precisa conhecer. E esse é o trabalho da Embrapa Territorial.

Noticiário - Em síntese, podemos afirmar que o Brasil é “verde”?

Evaristo Miranda - Sim. Primeiro, 66,3% do território nacional estão dedicados à preservação da vegetação nativa. Segundo, o cultivo da terra só ocupa 7,8% do território nacional e a pecuária, incluindo toda a questão da conservação da vegetação das pastagens nativas, ocupa 21,2%. É uma situação excepcional. Nenhum país do mundo com mais de dois milhões de quilômetros quadrados faz isso. ●

“

Nos últimos anos, tornou-se comum afirmar não ser preciso derrubar árvores, pois a agricultura pode expandir-se substituindo pastagens. Isso é verdade.

”



Suzi Carneiro/Embrapa



O cocho ideal



O uso correto desta instalação é determinante para obter melhores resultados com a suplementação do rebanho

>>>

Larissa Vieira



A instalação adequada do cocho também ajuda a evitar outro problema de impacto no desempenho do rebanho: a “síndrome do cocho vazio”.

Engana-se quem pensa que o cocho é apenas mais uma instalação da propriedade, que não interfere em nada no resultado final do negócio. Esta é uma estrutura indispensável ao dia a dia do manejo nutricional, independentemente do tipo de pecuária desenvolvida na fazenda, e que merece cuidados tanto na fase de instalação quanto no seu uso cotidiano. Afinal, o cocho é o “prato” do boi e precisa estar adequado ao tipo de “comida” a ser servida e a seu objetivo final. Sua função vai além de ser um suporte para o fornecimento de rações, suplementos minerais, proteinados, proteico-energéticos, concentrados, aditivos, vitaminas e volumosos.

Por exemplo, uma observação frequente no cocho (chamada de leitura de cocho) ajuda a detectar

se o fornecimento de alimento está na medida correta. “Quem trabalha com dieta total dentro de um sistema de confinamento na pecuária de corte ou de leite deve fazer a leitura de cocho. É uma forma de reavaliar o consumo do animal para ajustar a dieta e evitar desperdícios, otimizando toda a operação e impactando positivamente o resultado financeiro da fazenda”, explica Marcelo Sousa, Gerente Técnico Regional CO/N da DSM.

Uma observação frequente da instalação também ajuda a evitar outro problema de impacto no desempenho do rebanho: a “síndrome do cocho vazio”. Ela nada mais é do que a falta de alimento no cocho por insuficiência de reposição adequada. “Esse é um problema muito frequente no manejo nutricional das

fazendas que compromete a eficiência da suplementação. O abastecimento do cocho precisa ser feito de forma contínua. A regularidade vai variar conforme o tipo de suplemento. No caso da pecuária de corte, recomendamos que, para minerais, ureados e proteicos, a reposição seja feita a cada dois ou três dias. Para os proteico-energéticos e o semiconfinamento, a reposição deve ser diária. Já o mineral deve ser abastecido no cocho sempre que necessário, no mínimo de 2 a 3 vezes por semana”, explica Rosendo Lopes, Gerente Técnico Regional NE/N da DSM.

Segundo o diretor executivo da Exagro, empresa de gestão em pecuária, Mário Garcia, interromper a oferta da mistura por falta de um planejamento adequado para a reposição coloca em risco todo o investimento anterior em suplementação,

pois prejudica o bom funcionamento do rúmen. “A mistura precisa estar disponível os 365 dias do ano porque ela promove a adubação da flora ruminal, composta de bactérias e protozoários. Estes microrganismos se encontram aos milhares no rúmen, mas vão crescendo gradativamente à medida que o animal consome o suplemento e atingem seu teto máximo em até 15 dias. Com isso, a degradação de matéria seca no rúmen fica mais acelerada e resulta em maior ganho de peso ou produção de leite, conforme o animal. Porém, se o animal para de ingerir a mistura, em apenas um ou dois dias a flora ruminal reduz drasticamente e todo o investimento feito anteriormente em suplementação é perdido. É jogar dinheiro fora”, explica o diretor da Exagro.

Essas falhas no manejo dos cochos são como jogar dinheiro fora porque trazem uma série de prejuízos para a fazenda. A queda no consumo de

suplementos nutricionais reduz o ganho de peso, a taxa de fertilidade, eleva a idade de abate e pode aumentar a taxa de mortalidade. Outros sintomas causados pela deficiência nutricional são: retenção de placenta, rigidez nas articulações, desordens nervosas, queda na produção de leite, bócio, reabsorção fetal, ausência de cio, inchação dos cascos e demora na cicatrização de feridas.

Se cocho vazio é prejuízo na certa, o contrário também não é recomendado. Os cochos não devem estar cheios demais, pois isso acaba levando ao desperdício do produto. E como ninguém quer ver seu investimento desaparecer por conta de negligência da reposição, o produtor deve orientar sua equipe a manter uma rotina de observação da instalação, aliada a outros cuidados. Em geral, um dos erros mais comuns está relacionado à construção do cocho. Ele precisa ter o tamanho correto para



Para cochos descobertos os cuidados devem ser redobrados: sem a cobertura, o produto fica exposto às ações da chuva, do sol ou do vento.

“**O cocho é um equipamento indispensável ao dia a dia do manejo nutricional, independentemente do tipo de pecuária desenvolvida na fazenda, e que merece cuidados tanto na fase de instalação quanto no seu uso cotidiano. Afinal, o cocho é o ‘prato’ do boi e precisa estar adequado ao tipo de ‘comida’ a ser servida e a seu objetivo final.**”

atender às exigências do rebanho (veja “Na medida certa”). O que vai definir o tamanho do cocho é a categoria animal ou o sistema de produção. Quem trabalha com confinamento de corte, por exemplo, deve ter cochos que comportem um animal a cada 40 a 50 cm de linha de cocho. No semiconfinamento, o ideal são três animais por metro com acesso aos dois lados. No confinamento leiteiro, esse espaçamento já deve ser de 80 cm por animal, se o cocho for usado para o fornecimento de concentrado.

>>>



Mário Garcia, diretor da Exagro.

Respeitado o tamanho ideal do cocho, é preciso atentar para a quantidade correta de bovinos para cada instalação. A superlotação do cocho faz com que os animais briguem pela comida, com os dominantes consumindo mais e os dominados menos que o necessário para o seu desenvolvimento. “No caso dos rebanhos leiteiros, a separação de lotes por categoria também evita esse problema. Nunca misture fêmeas primíparas com multíparas, para evitar a competição por comida”, orienta Marcelo Sousa.

A lotação do cocho ainda vai variar

conforme a suplementação fornecida, sendo que os proteico-energéticos exigem maior área por animal e os minerais, áreas bem menores (vide table abaixo). No fornecimento do *creep feeding*, a indicação é de 15 bezerros por metro linear de cocho com acesso aos dois lados. As vacas que estiverem no pré-parto também precisam de mais espaço no cocho, que deve ser de um metro por animal.

O diretor da Exagro, Mário Garcia, reforça que o manejo do cocho vai variar conforme o tipo de estrutura da propriedade, a categoria animal, o tipo de pecuária (leiteira, corte, confinamento, semiconfinamento, extensiva) e os objetivos da propriedade (velocidade de ganho de peso ou quantidade de produção de leite etc.). “Será com base nesse diagnóstico que o produtor definirá o tipo e o tamanho de cocho para a sua propriedade”, explica.

Veja as recomendações de cochos para a suplementação de bovinos de corte:

Quantidade de cochos para Suplementos DSM - Gado de Corte

1. Suplementos Minerais, consumo de 20 a 30 g / 100 kg de PV	1 m/40 animais
2. Suplementos Minerais Ureados, consumo de 40 a 60 g / 100 kg de PV	1 m/25 animais
3. Suplementos Proteicos, consumo de 80 a 120 g / 100 kg de PV	1 m/10 animais
4. Suplementos Proteico-energéticos, consumo de 200 a 500 g / 100 kg de PV	1 m/5 animais
5. Suplementos <i>Creep Feeding</i> , consumo de 100 a 200 g / 100 kg de PV	1 m/15 animais
6. Semiconfinamento, consumo de 0,7 a 2% do PV	1 m/3 animais
7. Espaçamento de cocho para animais em confinamento	1 m/2 animais

Obs: Recomendações de metros lineares de cochos, com acesso aos dois lados.

Exemplo:

FOSCROMO	1 m de cocho / 40 animais
FOSCROMO SECA	1 m de cocho / 25 animais
FOSBOVI PROTEICO 35	1 m de cocho / 10 animais
FOSBOVI PE 25	1 m de cocho / 5 animais
FOSBOVI CONFINAMENTO 10	1 m de cocho / 3 animais

LOCALIZAÇÃO E MANUTENÇÃO

Cochos mal posicionados também prejudicam a suplementação do rebanho. O cocho deve ser de fácil acesso para os animais e instalado de preferência próximo aos bebedouros, ou locais onde os animais bebem água. Caso não seja possível, aí a instalação nos malhadouros. No caso da pecuária leiteira, deve estar próximo à sala de ordenha, para evitar que haja desgaste do rebanho em decorrência de longas caminhadas em busca de comida. Outra dica é instalar o cocho próximo às áreas de sombreamento, pois os bovinos leiteiros tendem a procurar locais mais frescos para fazer a ruminação. Os cochos devem ser instalados próximos aos bebedouros.

Os cochos também devem ter fácil acesso para os tratadores que irão reabastecê-los. Para os produtos fornecidos diariamente, o melhor horário de abastecimento é das 9h até as 14h. “É preciso ter uma rotina para condicionar os animais a irem ao cocho sempre nos mesmos horários do dia”, explica Rosendo Lopes. Se estiver sobrando muito produto, pode ser um indicativo de má localização do cocho. Para o gado leiteiro, o melhor horário é pós-ordenha e a reposição deve ser feita pelo menos duas vezes ao dia, no caso de concentrado e dieta total.

Para quem tem cocho descoberto, os cuidados devem ser maiores, devendo o abastecimento ser realizado com uma maior frequência.

Já em relação à estrutura, não se esqueça de fazer uma manutenção regular, para



O manejo do cocho vai variar conforme o tipo de estrutura da propriedade, a categoria animal, o tipo de pecuária (leiteira, corte, confinamento, semiconfinamento, extensiva) e os objetivos da propriedade (velocidade de ganho de peso ou quantidade de produção de leite etc.). ‘Será com base nesse diagnóstico que o produtor definirá o tipo e o tamanho de cocho para a sua propriedade’.



Mário Garcia,
diretor da Exagro

evitar perdas por vazamento pelas frestas e/ou encharcamento dos mesmos pelas chuvas. Na área em volta, elimine pedras soltas ou pontiagudas, irregularidades no terreno, buracos e possíveis formações de poças d’água e/ou atoleiros.

CONFINAMENTO EXIGE LIMPEZA DIÁRIA DOS COCHOS

Como esse tipo de sistema tem uma elevada quantidade de tratos, a localização e as dimensões do cocho precisam ser adequadas para alimentar bem os lotes de animais, senão eles podem não ter o ganho de peso esperado. De acordo com Luís Otávio Afonso Bosque, Gerente Técnico Regional CO/N da DSM, a disposição do cocho vai variar conforme a propriedade, mas deve ser próximo às aguadas ou aos bebedouros, no caso do semiconfinamento.

“Outra recomendação é não fazer uma linha muito comprida de cocho. É melhor fazer dois cochos de 30 metros lineares, com espaço de 8 a 10 metros entre eles, pois isso evita que o animal tenha de dar uma volta muito grande para comer do outro lado do cocho, quando sofre algum tipo de confronto/briga”, ensina.

A área de cocho deve ser calculada de acordo com o tamanho dos lotes, sendo o máximo de 150 animais, com o ideal de 80 a 120 animais. No caso do confinamento ou piquetão, a medida é de 40 a 50 cm de espaçamento por cabeça. “Antigamente, a área de cocho era maior porque era fornecida uma grande quantidade de volumoso aos bovinos. Hoje, as dietas são mais concentradas, possibilitando ter áreas de cocho menores”, diz o coordenador de Confinamento. Quando >>>

o manejo de fornecimento está entre 3 a 5 tratos por dia, recomendamos o espaçamento de 50 cm por cabeça. Se o número de tratos for maior, o cocho pode ter menores dimensões (no mínimo 35 cm por cabeça). Se a dieta for composta de muito volumoso, há a necessidade de uma dimensão maior. A limpeza do cocho precisa ser diária para descartar a ração estragada.

Em relação à área da baía em que o animal ficará instalado, a recomendação é de, na seca, utilizar de 12 a 20 m² por animal. Nas águas, essa medida deve ser dobrada.

NA MEDIDA CERTA*

As medidas de comprimento, largura e profundidade do cocho determinam a facilidade de acesso e garantem um

consumo adequado dos suplementos. Existem vários tipos de cocho e o ideal para a sua propriedade é aquele que atende às necessidades diárias do rebanho. Além das dimensões corretas, a recomendação é que os cochos sejam cobertos, com proteção lateral e calçamento ao seu redor, para impedir a formação de atoleiros e buracos feitos pelos animais. Confira a seguir algumas dicas para ter o cocho ideal.

TIPO DE COCHO

Fixos - Em geral, são mais baratos do que cochos móveis (considerando mesmos tipos de materiais e estrutura) e mais duráveis. A desvantagem é que atendem a um piquete ou a um módulo de piquetes da fazenda, aumentando o custo de infraestrutura necessária.

Móveis - Podem atender a vários piquetes ou módulos de piquetes da fazenda, reduzindo o custo de infraestrutura, sendo o modelo ideal para áreas de Integração Lavoura Pecuária (ILP), pois facilitam a operação da atividade agrícola. Como desvantagem estão o custo mais elevado que o fixo, a necessidade de adaptação para transporte seguro do cocho e a menor durabilidade.

MATERIAIS

Os cochos podem ser construídos com vários tipos de materiais, como madeira, plástico, fibra de vidro, lona, alvenaria etc. Contudo, devem respeitar as seguintes recomendações:

a. Materiais resistentes, sempre buscando melhor custo/benefício. Às vezes, a utilização de materiais baratos, porém de baixa durabilidade, fica mais caro que a utilização de materiais resistentes e com maior vida útil;



Creep Feeding: O cocho dos bezerros deve ficar ao lado do cocho das vacas.

b. Materiais que não contaminem os produtos com substâncias tóxicas ou passem algum tipo de cheiro para os produtos, prejudicando, assim, o consumo e o desempenho.

CARACTERÍSTICAS

a. Possuir cobertura e proteção lateral

- cochos cobertos e com as laterais fechadas protegem os suplementos dos ventos e das chuvas, evitando desperdícios e otimizando o consumo dos animais. Cochos sem cobertura podem ser utilizados, porém demandam um acompanhamento mais frequente.

b. Possuir depósito - os depósitos podem ser feitos no próprio cocho, anexo à cobertura, ou ser um anexo em tambores, caixas d'água, baús etc. Os depósitos facilitam a operação do manejador de cocho, melhorando a salga frequente. Eles podem ser abastecidos uma vez por semana, ou em intervalos maiores, através de carretas, caminhões, caminhonetes etc.

c. Possuir calçamento ao redor - para evitar acúmulo de lama ao redor dos cochos, prejudicando a chegada dos animais, deve-se ter um calçamento de 2,5 metros em volta do cocho.

d. Altura - Deve ser adequada à categoria animal:

e. Largura - o ideal é que os cochos tenham largura de pelo menos 40 cm para permitir o consumo pelos dois lados de forma simultânea.

f. Profundidade - cochos devem ter profundidade de 30 cm (da boca ao fundo do cocho) para evitar perdas pela ação dos ventos e pelo ato de consumo dos animais. Para cochos de bezeros (creep feeding), a profundidade deve ser de 20 cm.

g. Tamanho adequado ao suplemento

fornecido - o tamanho ideal do cocho deve ser projetado para cada tipo de suplemento fornecido. Este tamanho deve ser respeitado para garantir que todos os animais tenham acesso ao suplemento. Cochos pequenos induzem o acesso apenas dos animais dominantes do lote, restringindo o consumo dos animais dominados.

LOCALIZAÇÃO

a. Os cochos devem ser construídos/ instalados próximos dos bebedouros dos animais – ideal a até 50 metros de distância – ou nos malhadouros (locais em que os bovinos se reúnem para deitar, ruminar, descansar e passar a noite). Devem ser contruídos/instalados com seu comprimento na direção predominante dos ventos, o que melhora o controle de proteção contra ventos e chuvas. A localização do cocho não deve ser em função de otimizar o pastoreio, tentando melhorar o consumo de pasto em morros/grotas e lugares pouco frequentados pelos animais, e nem para facilitar a

reposição de suplemento, instalando o cocho em lugar de fácil acesso aos funcionários da propriedade.

GADO DE CORTE

a. Os cochos não devem ser colocados em divisões de cercas, pois:

I. Prejudica a utilização de suplementos diferentes para lotes distintos, que possam estar nos piquetes lado a lado;

II. Diminui pela metade a área de chegada dos cochos;

III. Em possíveis disputas de dominância (brigas) próximo aos cochos, os animais podem vir a quebrar a cerca e/ou mesmo se machucar, causando grandes prejuízos;

IV. Maior prejuízo ainda se a cerca em questão for elétrica ou de arame farpado, pois isso poderia machucar os animais, que não se sentiriam mais confortáveis em chegar aos suplementos. Esse desconforto automaticamente diminuiria o consumo e o desempenho.

b. Devem possuir área livre ao redor, num raio de pelo menos 5 metros, facilitando a chegada dos animais por todos os lados.

c. Não devem ser instalados muito próximo a estradas, o que facilitaria roubos e >>>

Bovinos de corte

Categoria animal	Altura (da boca até o chão)
Altura padrão	0,60 m
Creep Feeding	- Vacas – 1,10 m - Bezerros – 0,30 m

* Fonte: Adaptado do Curso de Manejo de Cocho da DSM



poderia induzir estresse aos animais pelo movimentação de pessoas e veículos.

d. Não devem ser instalados próximo a casas, galpões, currais e construções em geral, pois:

I. Grandes movimentações e barulho de pessoas e máquinas podem estressar os animais;

II. Esses locais podem servir para o abrigo de cachorros, que, muitas vezes, perturbam o rebanho;

III. Normalmente, esses locais têm criação de aves, como patos, galinhas, gansos etc. que podem entrar nos cochos, sujando os suplementos, principalmente aqueles que possuem farelos em suas composições.

GADO DE LEITE

Os cochos devem ser instalados na divisa da cerca com a estrada para facilitar o trato com vagão totalmix. Geralmente, os animais só consomem de um lado do cocho. Precisam estar perto dos barracões e casas para facilitar o manejo, a observação e diminuir a locomoção dos animais.

COCHO PARA SUPLEMENTAÇÃO EXCLUSIVA DE BEZERROS - CREEP FEEDING

Existem vários tipos e adaptações para essa instalação, mas alguns pontos devem ser observados em todos eles:

1. A boca (beiral) do cocho das vacas deve ser elevada e ficar a, no mínimo, 1,10 metro do chão. O objetivo é evitar o acesso dos bezerros ao suplemento das matrizes, pois, se os bezerros consomem o suplemento das vacas, eles diminuem



a ingestão do seu suplemento, prejudicando a sua suplementação;

2. O cocho dos bezerros deve ficar ao lado do cocho das vacas, já que nessa fase os bezerros não saem do lado das mães. Se o cocho dos bezerros não estiver ao lado do cocho das vacas, isso dificulta muito que os bezerros acostumem a entrar no “cercadinho” e consumam o seu suplemento.

CARACTERÍSTICAS DO CREEP FEEDING

- Área do cercado:

- 1,0 m²/bezerro para a utilização de produtos de consumo entre 100 e 200 g para cada 100 kg de peso vivo – Fosbovinho Proteico ADE.

- 1,5 m²/bezerro para utilização de produtos de consumo maiores de 200 g para cada 100 kg de peso vivo. Observação - deve ter espaço de, no mínimo, 2 metros entre o cocho e a cerca para a circulação dos animais.

MODELOS DE CERCADO

- Acesso de entrada exclusivo ao bezerro: 0,40 m de largura x 1,10 m de altura, com

esteios fincados bem firmes; a altura pode variar de 0,9 a 1,2 m e o que a define é a altura média das matrizes.

- Colocar barra inferior – 10 cm do chão – para evitar a entrada de animais adultos “ajoelhados”.
- Cocho com comprimento de 1 metro linear – acesso aos dois lados para cada 15 bezerros; e largura mínima de 30 cm, que possibilite a alimentação pelos dois lados simultaneamente.

- Cochos cobertos: pé-direito pode variar entre 1,3 e 1,5 m.



A geração que disse sim ao campo e não se arrepende

Apostando nas inovações sugeridas pela nova geração, a família Wortmann conseguiu elevar a rentabilidade do negócio e, agora, define seu planejamento sucessório para garantir a longevidade da Estância Coxilha

Larissa Vieira

Estância Coxilha, da família Wortmann, localizada no município de Quaraí (RS)



No Pampa gaúcho, a família Wortmann vem investindo em um planejamento sucessório para continuar fora de uma estatística preocupante. Os jovens brasileiros continuam migrando para os centros urbanos, obrigando muitas famílias a colocarem um ponto final em décadas de atuação no campo. De acordo com prévia do Censo Agropecuário 2017, as pessoas com idade entre 25 anos e 35 anos são apenas 9,48% da população rural. Na edição anterior do Censo, eles eram 13,56%. O grupo entre 35 e 45 anos de idade também encolheu, passando de 21,93% para 18,29%.

A história dos Wortmann é um exemplo de que, quando se criam oportunidades, o jovem opta por fazer o caminho inverso e passa a ser um agente transformador no agronegócio. É o caso de Victor Wortmann, terceira geração de uma família de pecuaristas gaúchos que atua há quase 50 anos no setor de produção de carne bovina e ovina e de lã. Em 2014, ele decidiu fazer justamente o inverso do que mostram as estatísticas do Censo Agropecuário. Deixou a capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, onde cursou a faculdade de Publicidade e Propaganda e comandava a sua própria empresa de comunicação, para assumir a gestão da Estância Coxilha, no município de Quaraí (RS).

A propriedade foi fundada em 1959 pelo avô de Victor, o médico Luiz Custódio. Em 2001, houve a primeira sucessão no negócio, com o genro José Antônio Wortmann assumindo a administração da Estância Coxilha enquanto seus três filhos viviam na capital para concluir os estudos. “Apesar de ter optado por uma área completamente diferente do negócio da família, sabia que um dia teria de voltar para ajudar os meus pais a gerenciarem a fazenda. A experiência na área de comunicação e na administração de meu próprio negócio foram importantes para o novo modelo de gestão que adotamos a partir da minha volta à Estância Coxilha”, assegura Victor.

O primeiro passo antes de assumir totalmente os negócios da família foi investir na própria capacitação. Em 2013, seguiu para a Nova Zelândia para participar de um curso sobre pastagem de inverno e, ao estagiar em uma fazenda, pode constatar

“

‘A modernização do nosso sistema de produção foi fundamental para atendermos aos padrões de qualidade exigidos pela indústria’, destaca. O sistema empregado objetiva também aliar produtividade com conservação da flora e fauna selvagem.”

Victor Wortmann

como os neozelandeses vêm conseguindo com êxito administrar os negócios dentro de um sistema totalmente familiar. “É uma realidade bem diferente da brasileira. Como a mão de obra é muita cara por lá, eles investem bastante em tecnologia, e a própria família tem de cuidar do gado. Na propriedade que estagiei, a tarefa de cuidar dos terneiros fica a cargo da esposa, que >>>



Novilhas Braford a pasto na Estância Coxilha

tira licença do trabalho em determinado período do ano para poder ajudar o marido nessa tarefa. Essa experiência me fez encarar o trabalho com mais pé no chão, ciente da necessidade de minha atuação em todas as fases do negócio, e da incorporação de novas tecnologias no sistema produtivo da Coxilha para atingir maior eficiência”, conta o pecuarista.

Um desafio encarado por Victor logo que voltou da Nova Zelândia foi provar aos pais e aos funcionários da fazenda a sua capacidade em gerenciar o negócio, apesar da pouca experiência em pecuária. “Profissionalmente, eu era um ‘desconhecido’ para eles. Conquistei a confiança de todos à medida que fui me especializando e melhorando os

resultados de desempenho do rebanho com as tecnologias adotadas”, lembra. Um passo importante foi a contratação de uma assessoria pecuária, nas áreas de nutrição e sanidade.

A fazenda tem 4.200 hectares de extensão e está concentrada no Pampa, bioma com cerca de 450 espécies de gramíneas e 150 leguminosas nativas. Uma das vantagens desse tipo de vegetação é que ela ajuda no sequestro de carbono da atmosfera e reduz a emissão de gás metano pelos animais. Mas, apesar de apresentar uma alta produtividade na primavera e no verão, proporcionando a terminação de animais, no outono e no inverno ocorre uma queda na produção de forragens, prejudicando a conversão alimentar do rebanho.

A solução foi desenvolver um programa anual de suplementação de acordo com cada tipo de pastagem. “No início, fizemos alguns testes, oferecendo suplemento para determinados lotes, e vimos uma melhora significativa nos resultados. A partir daí, decidimos suplementar todo o rebanho bovino”, diz Victor, que recebe orientação da DSM para definir o planejamento nutricional.

Outra medida adotada foi o ajuste da taxa de lotação que, antes, era muito alta na Coxilha. Durante o vazio forrageiro, quando o pasto de verão começa a envelhecer e o pasto de inverno ainda está sendo implantado, a taxa de lotação foi ajustada para não sobrecarregar as pastagens de campo nativo. O gado ainda recebe suplementação proteica. “A taxa de lotação era alta, pois



não havia um descarte regular dos

animais improdutivos. Passamos a fazer um monitoramento rigoroso do plantel em fase reprodutiva, descartando as vacas inférteis”, diz Victor.

Nas áreas plantadas de pastagem de inverno e verão, os animais recebem suplementação energética. A meta é ter um ganho diário de 1 kg por cabeça. Com isso, a Coxilha está conseguindo aumentar a taxa de abate, que era baixa antes das mudanças feitas no sistema de manejo.

A propriedade conta com um rebanho Braford de 3.600 bovinos, manejados totalmente a pasto. Habilitada para produzir carne para exportação, com certificação individual dos bovinos no SISBOV, trabalha em sistema de ciclo completo. Já o plantel de ovinos é de 1.100 cabeças da raça Corriedale, incluindo cria, recria e engorda, além da produção de lã. A propriedade adotou práticas de bem-estar animal, com a finalidade de

tranquilizar os animais e evitar contusões. “A modernização do nosso sistema de produção foi fundamental para atendermos aos padrões de qualidade exigidos pela indústria”, destaca. O sistema empregado objetiva também aliar produtividade com conservação da flora e fauna selvagem.

Atualmente, Victor comanda cerca de 20 funcionários na Estância Coxilha. Como a gestão do negócio está funcionando bem, agora, a família segue para a segunda parte: o planejamento sucessório e a consultoria tributária, que conta com a ajuda de uma empresa especializada. Dos três filhos, Victor é o único interessado em gerenciar o negócio. Por isso, estão sendo definidos os direitos e deveres de cada herdeiro. “É uma forma de garantirmos a transparência dos negócios e protegermos o patrimônio da família para as futuras gerações que virão”, conclui Victor.



Da esquerda para a direita: Victor Wortmann, Maria Corina Wortmann, José Antônio Ardais Wortmann (Bido), Laura Wortmann e Daniela Wortmann



Com a ração em alta, produtor está cauteloso para o 1º giro de confinamento

Thiago Bernardino de Carvalho
Pesquisador da área de Pecuária do Cepea

Shirley Menezes
Pesquisadora da área de Pecuária do Cepea

Cristiane Mariano
Analista da Equipe de Pecuária do Cepea

Alessandra da Paz
Jornalista da Equipe de Comunicação do Cepea

Sergio De Zen
Pesquisador responsável pela Equipe de Pecuária do Cepea

O final do período chuvoso se aproxima e pecuaristas de corte têm se planejado quanto ao volume de animais que vão confinar. Por isso, as atenções de produtores se voltam aos atuais preços do boi magro e, especialmente, do milho e do farelo de soja, importantes insumos da ração, que registram altos patamares e têm deixado alguns agentes mais cautelosos. Apesar de parte dos colaboradores do Cepea mostrar

dificuldades em “fechar a conta”, verifica-se que muitos pecuaristas estão animados para confinar neste ano.

BOI MAGRO

De janeiro a abril deste ano, o preço do boi magro no estado de São Paulo valorizou 4,8%, com o animal negociado a R\$ 1.848,50 no encerramento de abril. Segundo colaboradores do Cepea, o mercado de

boi magro está bastante aquecido, especialmente em Mato Grosso.

MILHO

Ainda que o contexto fosse de alto estoque e de colheita da safra de verão, os valores do milho avançaram com força no primeiro quadrimestre do ano – o Indicador ESALQ/BM&FBovespa do milho (Campinas – SP) subiu 16,7% no período, fechando a R\$ 39,40/saca de 60 kg no dia 30 de abril. Por isso, quem tem o cereal estocado deve sair na frente. Para os próximos meses, o cenário no mercado de milho ainda é incerto. A Equipe de Grãos do Cepea indica que o clima seco em partes do Paraná e de Mato Grosso do Sul tem deixado produtores receosos quanto a um possível impacto negativo sobre as lavouras da segunda safra.

Em relatório divulgado no dia 10 de abril, a Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) estimou a produção da segunda safra em 63,01 milhões de toneladas, 859,7 mil toneladas a mais que o indicado em março, devido à elevação na área cultivada, principalmente em Mato Grosso, conforme os pesquisadores da Equipe de Grãos. Para a primeira safra, a estimativa atual é de 25,6 milhões de toneladas, aumento de 478,8 mil de toneladas em relação ao relatório anterior.

FARELO DE SOJA

A elevação no preço do derivado negociado na região de Campinas (SP) chega a 25% na parcial deste ano, com a tonelada negociada por volta de R\$ 1.340,00 no encerramento de abril. Segundo a Equipe de Grãos do Cepea, o cenário altista se

deve às expectativas de menor oferta na Argentina, principal exportador mundial de farelo de soja e terceiro maior produtor mundial do grão.

Por outro lado, verifica-se que as aquisições domésticas de farelo de soja por parte do setor avícola têm diminuído. Isso está atrelado ao recente anúncio da União Europeia indicando o descredenciamento de cerca de 20 frigoríficos brasileiros antes autorizados a enviar carne de frango ao bloco.

MERCADO FUTURO

Outro termômetro utilizado pelo mercado e que vem influenciando na cautela de alguns produtores são os preços do boi gordo no mercado futuro. Na B3 (antiga BMF&Bovespa), os próximos vencimentos apontam quedas nos valores da arroba. O contrato Outubro/18, período que concentra a maior parte das entregas de boi de cocho, era negociado a R\$ 153,80 no primeiro dia útil do ano (02/01), passando para a casa dos R\$ 147,00 no final de abril, queda de 4,4%.

MERCADO FÍSICO

O primeiro quadrimestre chega ao fim e os preços tanto da arroba do boi gordo quanto da carne negociada no atacado seguem sem reação. Após um 2017 difícil e atípico, agentes colaboradores do Cepea iniciaram 2018 na expectativa de uma alta nas cotações da arroba e da carne, fundamentados em projeções indicando retomada da economia brasileira.

O que se verificou até o momento, no entanto, foi uma lenta recuperação da



De janeiro a abril deste ano, o preço do boi magro no estado de São Paulo valorizou 4,8%.



economia e que ainda não foi sentida pelo setor pecuário. Por enquanto, a válvula de escape para o setor tem sido as exportações, que registram um bom desempenho. Assim, para a arroba do boi gordo, enquanto as vendas externas ainda impedem quedas mais expressivas dos preços no acumulado parcial deste ano, para a carne, a demanda interna ainda enfraquecida resulta em movimento de baixa de preço mais intenso.

Do início do ano até o final de abril, o Indicador do boi gordo ESALQ/BM&FBovespa (estado de São Paulo) registrou queda de 3,76%. Já para a carcaça casada negociada no mercado atacadista da Grande São Paulo, a baixa desde o começo do ano chega a 8,5%.

EXPORTAÇÕES

De janeiro a março de 2018, o volume de carne bovina in natura exportado e a receita obtida com as vendas foram recordes para um primeiro trimestre. Foram exportadas 319,05 mil toneladas de janeiro a março deste ano, 20,55% acima do volume verificado no mesmo período do ano passado. Quanto à receita, em moeda nacional, somou R\$ 4,217 bilhões no período, 24,09% a mais que a obtida de janeiro a março de 2017. Em dólar, o montante foi de US\$ 1,299 bilhão, 20,14% maior que o do primeiro trimestre do ano passado.



Novas embalagens da marca Tortuga®

Alta tecnologia
por dentro e por fora



Confira as novidades:



Embalagem sustentável

menos resíduos no meio ambiente e facilita a reciclagem



Maior proteção do conteúdo

sistema de fechamento por solda e laminação mais eficiente



Organização e paletização

embalagem mais compacta facilita a organização do estoque



Legislação GHS

símbolos internacionais sobre restrições e cuidados na manipulação





Hipocalcemia subclínica e a saúde da vaca

Cristina Simões Cortinhas

Médica-Veterinária, DSc, CRMV-SP 11593

Supervisora de Inovação e Ciência Aplicada Ruminantes

A Hipocalcemia é uma doença metabólica relacionada com a incapacidade dos mecanismos regulatórios (homeostáticos) do organismo em manter o nível de cálcio no sangue em concentração adequada.

Esta doença ocorre devido a um aumento na demanda de Ca, principalmente durante o período pós-parto, quando a quantidade de Ca secretada no colostro aumenta cerca de duas a três vezes. Antes do parto, cerca

de 8 a 10g de Ca são direcionados para o crescimento fetal e, no pós-parto, cerca de 20 a 30 gramas de Ca são excretados no colostro e no leite. O cálcio é um mineral com importante função tanto intracelular



“
A Hipocalcemia é uma doença metabólica relacionada com a incapacidade dos mecanismos regulatórios (homeostáticos) do organismo em manter o nível de cálcio no sangue em concentração adequada. Esta doença ocorre devido a um aumento na demanda de Ca, principalmente durante o período pós-parto.”

(proliferação, diferenciação e motilidade celular, controle da contração muscular, secreção hormonal e metabolismo do glicogênio) quanto extracelular (participa da coagulação sanguínea, adesão celular, manutenção da integridade dos ossos e regulação da excitabilidade extracelular).

A hipocalcemia pode se apresentar tanto na forma clínica quanto na forma subclínica. A clínica, mais comumente chamada de febre do leite ou febre vitular, é caracterizada por progressiva disfunção neuromuscular, que pode evoluir para paralisia flácida, colapso circulatório, alterações na frequência

cardíaca, perda da consciência, coma e morte do animal. A forma subclínica ocorre quando o nível de Ca plasmático fica abaixo de 8,6 mg/dl e tem como consequências a redução no desempenho produtivo, reprodutivo, além de aumentar a ocorrência de doenças como retenção de placenta, prolapso do útero, deslocamento de abomaso e metrite e mastite, sendo economicamente muito importante. Muitos produtores acreditam ter incidência de hipocalcemia muito baixa, ou até não ter a hipocalcemia em seu rebanho, o que pode ser verdade quando se considera apenas a forma clínica (incidência ao redor de 5%).

No entanto, a incidência da hipocalcemia subclínica pode ser acima de 50% em vacas recém-paridas.

Alguns estudos têm demonstrado redução no consumo de alimentos e ruminância com consequente aumento na mobilização de gordura corporal e nos ácidos graxos livres (AGNEs) no periparto e, no pós-parto, no beta-hidroxibutirato (BHBA), um dos principais corpos cetônicos produzidos pelo fígado originados dos AGNEs. Os aumentos tanto nos AGNEs quanto no BHBA têm forte associação com a ocorrência de doenças (deslocamento de abomaso, retenção

>>>



de placenta, cetose, doença do fígado gorduroso), redução na taxa de prenhez e na produção de leite, e aumento no descarte de vacas. Chamberlim et al. (2013) estudaram a associação da concentração de Ca plasmático no parto com metabolismo dos lipídios. Como resultado, foram observados aumento na concentração AGNEs no dia do parto e aumento na deposição de gordura no fígado aos 7 e 35 dias de lactação no grupo de vacas com hipocalcemia.

Em um estudo recente (Caixeta et al., 2017), foi estudada a associação entre a hipocalcemia subclínica nos três primeiros dias de lactação com parâmetros reprodutivos. As vacas foram consideradas com hipocalcemia subclínica quando apresentaram concentração plasmática de cálcio abaixo de 8,6 mg/dl, sendo que cerca de 1/3 das vacas avaliadas se apresentaram desta forma. A hipocalcemia subclínica teve um efeito negativo no retorno da função ovariana e reduziu a prenhez ao primeiro serviço. Além disso, foi observado que a incidência da hipocalcemia subclínica aumentou com o número de lactações.

Devido à grande importância do cálcio para o bom funcionamento do organismo animal e, conseqüentemente, para a saúde, produção e reprodução da vaca, há muitos anos tem se pensado em alternativas para melhorar o mecanismo de regulação (homeostase) do cálcio plasmático. Uma das alternativas para ativar os mecanismos regulatórios do cálcio, disponibilizando mais cálcio para as funções intracelulares e extracelulares do organismo da vaca,

é o uso de dietas aniônicas. O exato funcionamento das dietas aniônicas ainda não está totalmente elucidado, mas o que se sabe é que as dietas aniônicas têm sido utilizadas há, pelo menos, 40 anos com muito êxito. O mecanismo que parece mais explicar os benefícios da utilização desse tipo de dieta na regulação do Ca é a indução de uma leve acidose metabólica, que não causa nenhum prejuízo à vaca, mas que aumenta a ação do paratormônio. Esse hormônio auxilia o aumento da mobilização de cálcio dos ossos, disponibilizando-o para outras funções. Além disso, o paratormônio aumenta a conversão da 25 hidroxivitamina D3 em 1,25 diidrohdroxivitamina D3, o produto pós-metabolização da vitamina D3 mais ativo que tem a capacidade de estimular a absorção gastrointestinal de cálcio, conseqüentemente, aumentando a sua disponibilidade plasmática.

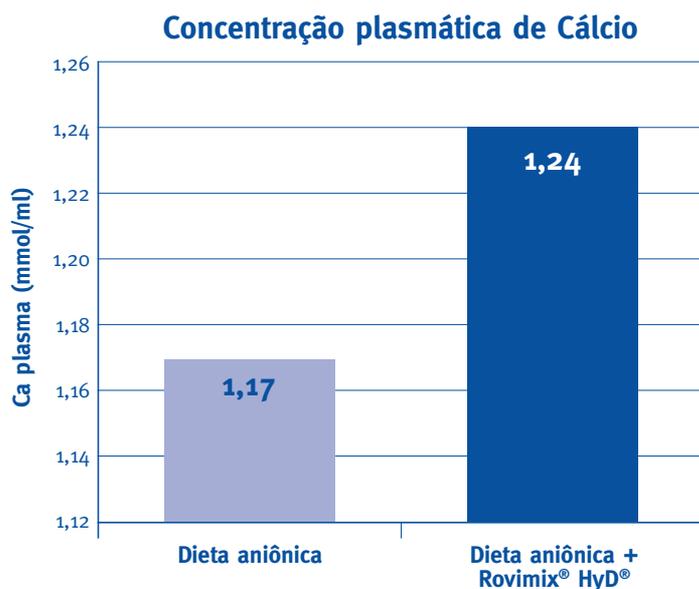
As dietas aniônicas são formuladas com núcleos específicos para este período contendo sais com carga elétrica negativa, chamados aniônicos. No entanto, é preciso atentar ao fato de que imediatamente após o parto a dieta aniônica tem que ser suspensa e os animais devem receber dieta especialmente formulada para o início de lactação, em que o BCA (balanço cátio-aniônico) deve ser positivo, com valores superiores a +300 mEq/kg MS. Um aspecto de relevante importância que deve ser considerado em dietas aniônicas é a limitação do potássio. Este elemento é um cátion presente em grande quantidade em forragens frescas. Por este motivo, no período de transição, deve-se

limitar o consumo de pasto e fornecer dietas formuladas com silagens, particularmente silagem de milho. Em um estudo realizado por Iwaniuk et al. (2015), o uso de dieta aniônica melhorou a produção de leite, a eficiência alimentar e a gordura do leite.

Estudos recentes têm sido realizados com o uso de dietas aniônicas associadas ao fornecimento da 25 hidroxivitamina D3. Desta forma, a dieta aniônica pode atuar aumentando a ação do paratormônio nos tecidos o que, além de aumentar a disponibilização de Ca mobilizado dos ossos, também elevará a conversão da 25 hidroxivitamina D3 em 1,25 diidrohdroxivitamina D3, ampliando ainda mais a absorção gastrointestinal de cálcio. A ideia é potencializar os efeitos da dieta aniônica com o fornecimento da 25 hidroxivitamina D3.

Os pesquisadores Wilkens et al. (2012) avaliaram a combinação da dieta aniônica com o fornecimento de 25 hidroxivitamina D3 (Rovimix® HyD®) no metabolismo do Ca. A concentração de Ca plasmático dos quatro dias pré-parto aos quatro dias pós-parto foi significativamente maior em vacas que receberam a combinação em comparação com uma dieta aniônica (Figura 1). Embora a hipocalcemia no periparto não tenha sido evitada completamente, foram observados efeitos benéficos da suplementação com 25 hidroxivitamina D3 em combinação com a dieta aniônica. As vacas que receberam a combinação iniciaram a lactação com mais Ca nos ossos.

Figura 1 - Concentração de cálcio no plasma de vacas suplementadas com dieta aniônica e vacas suplementadas com a combinação dieta aniônica e 25 hidroxivitamina D₃, dos quatro dias pré-parto aos quatro dias pós-parto.



Fonte: Adaptado de Wilkens et al., 2012.

Estudos mais recentes têm demonstrado bons resultados com o uso da 25 hidroxivitamina D₃ no desempenho produtivo, no metabolismo energético, na saúde e na reprodução das vacas. Martinez et al. (2018a) demonstraram aumento médio na produção de leite no início da lactação de 3,4 kg/dia, com o uso da 25 hidroxivitamina D₃ (Rovimix® HyD®) fornecida durante 21 dias pré-parto. Em outro estudo, Martinez et al. (2018b) demonstraram redução na retenção de placenta, metrite e múltiplas doenças, com o uso da 25 hidroxivitamina D₃ (Rovimix® HyD®) pré-parto.

Os produtos Bovigold para a fase pré-parto

contêm em sua formulação sais aniônicos balanceados para melhorar o metabolismo do cálcio das vacas de forma segura. Estes produtos englobam conceitos inovadores de nutrição e, além dos sais aniônicos, contêm os minerais Tortuga, vitaminas em níveis ótimos (OVN, Optimal Vitamin Nutrition) e, também, o betacaroteno (Rovimix® Betacarotene, tecnologia exclusiva Tortuga, uma marca DSM). A DSM, conhecida como uma das empresas mais inovadoras do Brasil, está sempre buscando novas soluções capazes de melhorar o desempenho, a saúde e, conseqüentemente, o bem-estar animal.

REFERÊNCIAS

Chamberlin W. G, Middleton J. R., Spain J. N., Johnson

“
Os produtos Bovigold para a fase pré-parto contêm em sua formulação sais aniônicos balanceados para melhorar o metabolismo do cálcio das vacas de forma segura.”

G.C., Ellersieck M.R., Pithua P. 2013. Subclinical hypocalcemia, plasma biochemical parameters, lipid metabolism, postpartum disease, and fertility in postparturient dairy cows. *J. Dairy Sci.*, 96:7001-7013.
Caixeta L. S., P.A. Ospina, M. B. Capel, D. V. Nydam. 2017. Association between subclinical hypocalcemia in the first 3 days of lactation and reproductive performance of dairy cows. *Theriogenology*, 94:1-7.

Iwaniuk M.E., A. E. Weidman, R. A. Erdman. 2015. The effect of dietary cation-anion difference concentration and cation source on milk production and feed efficiency in lactating dairy cows. *J. Dairy Sci.* 98 :1950-1960.

Martinez, N., R. M. Rodney, E. Block, L. L. Hernandez, C. D. Nelson, I. J. Lean, J. E. P. Santos, 2018a. Effects of prepartum dietary cation-anion difference and source of vitamin D in dairy cows: Lactation performance and energy metabolism. *J. Dairy Sci.* 101:1-25.

Martinez, N., R. M. Rodney, E. Block, L. L. Hernandez, C. D. Nelson, I. J. Lean, J. E. P. Santos, 2018b. Effects of prepartum dietary cation-anion difference and source of vitamin D in dairy cows: Health and reproductive responses. *J. Dairy Sci.* 101:1-16.

Wilkens M. R., I. Oberheide, B. Schröder, E. Azem, W. Steinberg, G. Breves. 2012. Influence of the combination of 25-hydroxyvitamin D₃ and a diet negative in cation-anion difference on peripartal calcium homeostasis of dairy cows. *J. Dairy Sci.* 95 :151-164.



Simpósios DSM de Confinamento 2018

Após passar pelas principais praças de confinamento do País, maratona de encontros chega ao fim. De abril a junho, evento reuniu mais de dois mil participantes, em nove estados, para discutir temas que ajudarão no planejamento da atividade.

Mylene Abud

Depois de percorrer 13 municípios de nove estados das regiões Sudeste, Centro-Oeste e Norte do País, durante cerca de três meses, o ciclo de Simpósios DSM de Confinamento 2018 chegou a sua última etapa, realizada no dia 20 de

junho, em Tangará da Serra (MT). Os eventos levaram informações técnicas e de mercado ao produtor, com o objetivo de auxiliar o processo de planejamento dos confinadores antes do fechamento dos animais para a engorda, com foco no máximo desempenho

zootécnico e nos mais altos índices de produtividade e rentabilidade.

Com início no dia 5 de abril, em Ribeirão Preto (SP), a maratona de encontros, realizada pela Tortuga®, marca da DSM,



parceiras, que falaram sobre temas técnicos, como as tecnologias usadas na alimentação dos bovinos confinados, a intensificação da pecuária, o manejo nutricional e sanitário, a gestão da informação, a mecanização do processamento e o fornecimento de alimentos; e de mercado, abordando questões do setor de carnes e de insumos, como perspectivas, desafios, tendências e cenários.

“Realizados no primeiro semestre, os Simpósios são uma ferramenta de compartilhamento de informação importante para os pecuaristas se prepararem para as tomadas de decisão no planejamento do confinamento, pois este sistema produtivo envolve muitos detalhes e, neste caso, a aplicação de tecnologia de ponta na dieta dos animais tem se provado uma grande aliada para ampliar a produtividade e a rentabilidade dos produtores”, explica o gerente de categoria Confinamento da DSM, o zootecnista Marcos Baruselli.

Ao longo do Ciclo de Simpósios, os pecuaristas obtiveram informações sobre os diferenciais das tecnologias CRINA® e RumiStar™, incluídas nos suplementos da linha Fosbovi® Confinamento da Tortuga®, e conheceram os resultados das três edições do Tour DSM de Confinamento, realizadas de 2015 a 2017, com a análise dos índices zootécnicos do gado engordado em vários confinamentos do País e que comprovou gerar, em média, uma arroba a mais por bovino confinado. “Com o ganho adicional de uma arroba a mais por bovino, o pecuarista tem como resultado o equivalente a um animal a mais a cada 18 bovinos confinados”, contabiliza Baruselli. ●

reuniu mais de dois mil produtores rurais e consultores nas 13 etapas, que passaram pelas principais praças de confinamento do País (SP, TO, RO, MT, MS, MG, GO, PA e MA).

Além dos especialistas e executivos da DSM, os simpósios tiveram palestrantes renomados do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade São Paulo (Cepea/Esalq/USP), de consultorias e de empresas

“

Com o ganho adicional de uma arroba a mais por bovino, o pecuarista tem como resultado o equivalente a um animal a mais a cada 18 bovinos confinados.

”

Marcos Baruselli,
gerente de categoria
Confinamento da DSM

O Ciclo de Simpósios DSM de Confinamento 2018 passou pelas principais praças brasileiras de confinamento:

DATA	CIDADE
05/04	Ribeirão Preto (SP)
10/04	Campo Grande (MS)
11/04	Naviraí (MS)
12/04	Imperatriz (MA)
26/04	Prata (MG)
27/04	Presidente Prudente (SP)
07/05	Araguaína (TO)
08/05	Catalão (GO)
08/05	Sinop (MT)
08/05	Paragominas (PA)
10/05	Cacoal (RO)
04/06	Redenção (PA)
20/06	Tangará da Serra (MT)

Eficiência produtiva da pecuária ao longo do tempo

Juliano Beze

Assistente Técnico DSM
Médico-Veterinário MSc e Dr.

A pastagem é a forma mais prática e econômica de alimentar bovinos. A pecuária brasileira é extremamente dependente destas pastagens, entretanto, o desempenho ótimo sob a ótica produtiva depende de quanto se é hábil em delinear planos específicos de manejo da dieta. Sendo assim, a utilização da suplementação estratégica a pasto torna-se uma ferramenta e um caminho sem volta para a criação de bovinos.

Animais mantidos somente a pasto não expressam todo o seu potencial, atingindo baixas taxas de ganho de peso ao longo do ano, em função de vários fatores. Sendo assim, a suplementação de animais em pastagens durante o período das águas potencializa estes ganhos, pois, assim, estaremos adequando as exigências nutricionais dos animais em função da genética e, principalmente, da qualidade das pastagens.

O preço da terra tem experimentado aumentos exponenciais. Aliado à diminuição do preço da arroba do boi e à elevação dos preços dos insumos, tem levado à redução de margem de lucro na pecuária de corte e, conseqüentemente, do poder de compra dos pecuaristas.

Estudos demonstram que o aumento da produtividade e a maior intensificação do setor pecuário, em virtude do maior aporte na utilização de tecnologias de produção, são necessários e, assim, a pecuária brasileira volta novamente a ser muito competitiva. A verticalização da pecuária já está ocorrendo em regiões onde as perdas de áreas de pastagens para reflorestamento, agricultura e cana-de-açúcar são significativas. Entretanto, a população bovina não se reduz; seu manejo e criação se tornam intensivos, profissionais, e isto está acontecendo em vários estados, especialmente nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Em resumo,

o aumento de produtividade é um caminho sem volta para tornar a atividade da pecuária mais competitiva frente às outras culturas.

Diante dos fatos acima, os suplementos proteico-energéticos aumentam o desempenho dos bovinos a pasto, portanto, há maior intensificação. Entretanto, essa diferença em nível prático de campo requer que tenhamos informações e mensurações que validem aquilo que a ciência já comprovou (ver para crer). Não apenas o visual (animal), mas, de certa forma, poder enxergar outros parâmetros (mensurações produtivas e financeiras), que ajudem nas tomadas de decisões e no futuro do planejamento nutricional da fazenda.

Desta forma, avaliou-se tecnicamente, em nível de campo, o efeito do uso da suplementação proteico-energética (Fosbovi Proteico Energético 45 Águas) sobre o

desempenho animal ao longo do tempo, quando comparado ao uso somente de suplemento mineral (Foscromo) em animais na fase de recria.

Cliente da DSM, a Fazenda São Lucas, localizada em Ivinhema (MS), de propriedade da sra. Kozue Imai, utilizava o Foscromo na recria. Apesar dos resultados satisfatórios, com o objetivo de intensificar a atividade e reduzir o tempo de permanência dos animais na fazenda, a sra. Kozue e sua equipe financeira e técnica, composta pelo Sr. Sérgio Balzan Cavalaro e pelo médico-veterinário Dr. Sérgio Garla, definiram uma nova estratégia, para expressar e evidenciar este avanço nos desempenhos dos animais. Deram início, então, a um

estudo comparativo na propriedade, com informações sobre o manejo de pastagem, o cocho e as dificuldades enfrentadas. Os dados deram origem a um perfil do dia a dia na fazenda, portanto, à sua identidade.

O estudo comparativo foi realizado de 19 de novembro de 2017 a 07 de março de 2018. Foram apartados dois lotes de bovinos, caracterizados pela categoria de recria, oriundos pelo mesmo biótipo, genética e número de animais, composto da seguinte maneira: Lote 1, total de 33 animais (11 tricross, 11 cruzados e 11 ½ sangue Aberdeen Angus), com peso médio para o lote de 258,06 kg, permanecendo com o suplemento mineral Foscromo no saheiro; e Lote 2, também com 33 animais (11 tricross, 11 cruzados e 11 ½ sangue

“

A verticalização da pecuária já esta ocorrendo em regiões onde as perdas de áreas de pastagens para reflorestamento, agricultura e cana-de-açúcar são significativas. Entretanto, a população bovina não se reduz.

”



Da esquerda para a direita: Kozue Imai (proprietária), Dr. Valter Messetti (Médico-Veterinário/RC/DSM), Dr. Juliano Beleze (ATC/DSM), Dr. Sérgio Garla (Médico-Veterinário e Administrador Técnico) e Sérgio Balzan (Administrador Financeiro).

Aberdeen Angus), com peso médio para o lote de 256,90 kg, recebendo, de acordo com as recomendações de espaçamento de cocho (1 metro linear/6 cabeças), sempre à vontade, o suplemento nutricional estratégico Fosbovi Proteico Energético 45 Águas, conforme a Tabela 1.

Os lotes permaneceram em dois módulos com praça de alimentação, formato de pizza, e com quatro divisões de pastagem cada (Sistema de pastoreio por lotação rotativa) – sendo pastagem de Brachiaria Brizantha (marandu) em ambos os projetos.

Podemos observar na Tabela 1, a diferença do Ganho Médio Diário (GMD) foi de 0,316 kg/dia/

>>>



Figura 2 - Lote 1 - Foscromo, momentos antes da pesagem final.

animal adicionais para o lote que recebeu o Fosbovi Proteico Energético 45 Águas. Desta forma, os animais que receberam o Foscromo apresentaram um ganho de 0,705 kg/dia, enquanto os animais com Fosbovi Proteico Energético 45 Águas atingiram um GMD de 1,021 kg/dia.

As diferenças observadas a campo para os parâmetros avaliados referem-se ao suplemento mineral Foscromo (controle), produto que a fazenda utilizava para a fase de recria. Trata-se de um suplemento mineral do Programa Boi Verde diferenciado por apresentar, em sua formulação, os Minerais Tortuga®, de alta biodisponibilidade, portanto, muito superior a outros

produtos encontrados no campo, para a categoria de recria.

Além disso, estamos trabalhando com perfis de produtos diferentes. O Fosbovi Proteico Energético 45 Águas não fecha apenas o déficit de minerais, mas também proporciona maior equilíbrio sobre as exigências nutricionais dos animais e das pastagens, seja em relação à energia, seja em relação à proteína. Este nitrogênio proporciona melhor aproveitamento da matéria seca potencialmente digestível da pastagem, aumentando o consumo de fibra digestível. Ou seja, quanto mais capim o animal consome, mais fibras são digeridas, portanto, maior ganho de peso. Quem agradece este maior aporte de nitrogênio é a flora ruminal,

cujo processo fermentativo de produção de substratos de qualidade, conduz a um maior ganho de peso, trazendo, consequentemente, mais lucratividade ao fazendeiro.

Ainda com relação ao Fosbovi Proteico Energético 45 Águas, observamos que é um produto autorregulável, ou seja, de grande importância para o manejo das fazendas pois fica à vontade, não extrapolando o consumo. O que não acontece quando se utiliza ração, manejo este que precisa ser colocado diariamente e não é autorregulável.

Nas Figuras 2 e 3, os animais do Lote 1 (Foscromo) e Lote 2 (Fosbovi Proteico Energético 45 Águas) respectivamente, antes da aferição dos pesos no dia 07 de março de 2018.

Tabela 1 - Avaliação de parâmetros produtivos e financeiros para 108 dias de estudo, avaliando dois sistemas de Suplementação Mineral, com o uso de Foscromo e Fosbovi Proteico Energético 45 Águas:

PARÂMETROS	Foscromo	P.E. 45 Águas	Diferenças
Peso Médio Inicial (kg)	258,06	256,90	
Peso Médio Final (kg)	334,21	367,15	
Ganho Médio em kg	76,15	110,25	34,10
Ganho Médio (g/dia)	0,705	1,021	0,316
Consumo do produto em kg	360,00	1.950	
Consumo do produto (g/animal/dia)	0,101	0,547	0,446
Preço Produto Carga (R\$ SC 30kg à vista em 07/03/2018)	73,02	68,30	
Preço / kg Produto	2,43	2,28	
Custo Animal Dia (R\$)	0,25	1,25	1,00
Custo Animal Período (R\$)	26,55	134,53	107,98
Preço da arroba do Boi em 07/03/2018	137,00	137,00	
@ Produzidas Período	2,54	3,68	1,14
@ Produzidas Período em %			44,78
R\$ Carne Produzida Período / 50% de rendimento de carcaça	R\$ 347,75	R\$ 503,48	R\$ 155,72
Custo/Benefício R\$ (Carne - Mineral)	R\$ 321,20	R\$ 368,94	R\$ 47,75
Diferença Custo/Benefício em %			14,86
Dias para atingir 500 kg Peso Vivo (PV) a partir de 07/03/2018	235,00	130,00	105,00



Figura 3 - Lote 2 - Fosbovi Proteico Energético 45 Águas, momentos antes da pesagem final.

Quando observamos a quantidade de >>>



arrobas feitas no período de 108 dias, o lote 2 (Fosbovi Proteico Energético 45 Águas) atingiu 3,68 @, apresentando uma diferença de 1,14 @ quando comparado ao lote 1 (Foscromo), cujo valor foi de 2,54 @. Transformando-se a diferença em percentual, o lote 2 obteve um incremento de 44,78% a mais em comparação ao lote de animais que recebeu o Foscromo. A característica GMD nas fazendas é de extrema importância e relevância, pois está diretamente correlacionada à rentabilidade financeira.

Além disso, quando exploramos a rentabilidade para o período realizado do trabalho, obtivemos R\$ 47,75 adicionais para o Lote 2 quando comparado ao lote 1, valor este observado pela diferença de produção de carne e o consumo do mineral. Da mesma forma, obteve-se o

FOSBOVI PROTEICO ENERGÉTICO 45 ÁGUAS



Indicado para suplementação mineral proteico-energética de bovinos de corte na época das águas.

“

A diferença do Ganho Médio Diário (GMD) foi de 0,316 kg/dia/animal adicionais para o lote que recebeu o Fosbovi Proteico Energético 45 Águas. Desta forma, os animais que receberam o Foscromo apresentaram um ganho de 0,705 kg/dia, enquanto os animais com Fosbovi Proteico Energético 45 Águas atingiram um GMD de 1,021 kg/dia.

”

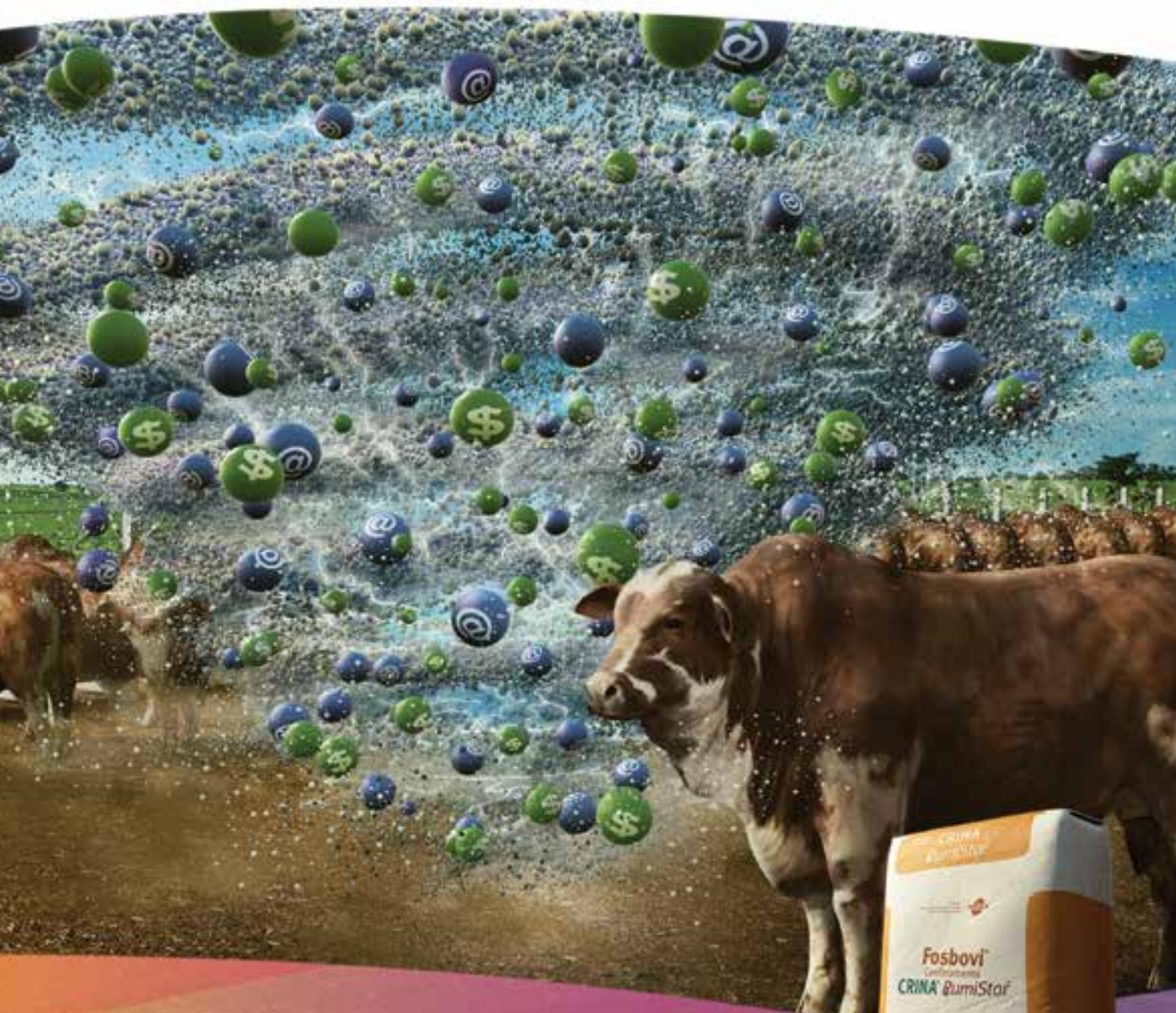
percentual de 14,86 % a mais em favor do lote 2, proporcionando um melhor custo/ benefício.

Desta maneira, quando avaliamos o parâmetro “tempo” dentro dos lotes, ou seja, quantos dias são necessários para que os animais atinjam 500 kg de Peso Vivo (PV) – peso hipotético para exercitarmos os resultados, o lote 2 (Fosbovi Proteico Energético 45 Águas) irá requerer apenas 130 dias, enquanto o lote 1 (Foscromo) precisará de 235 dias para atingir o mesmo peso, portanto, uma diferença de 105 dias (3,5 meses) a mais de tempo de pastagem, consumo, giro e despesas.

Levando em consideração que os valores de arrendamento de pastagem giram ao redor de R\$ 30,00/mês, o lote 2 ainda proporciona uma economia de R\$ 105,00, ou seja, deixa de gastar pela antecipação do abate desses

animais. Isso sem levar em consideração os ganhos indiretos, como a liberação da área de pastagens para outros animais. O presente estudo de campo comprova a relação custo/benefício, que é o verdadeiro parâmetro econômico para o fazendeiro. E falando no popular, o que paga as contas do fazendeiro é o GMD. Em uma avaliação como esta, com uma diferença de GMD de 316 gramas/cabeça/dia para o lote que recebeu Fosbovi Proteico Energético 45 Águas, é muito, mas, muito peso!

Na pecuária moderna, a utilização de produtos proteico-energéticos de qualidade já é uma necessidade, um caminho sem volta, cuja utilização só tem a aumentar, expandindo-se, inclusive, para outras categorias.



Fosbovi® Confinamento CRINA® RumiStar™.
O furacão da produtividade comprovada.



Centenas de clientes testaram e comprovaram
o verdadeiro fenômeno da pecuária brasileira.
Acesse www.furacaotortuga.com.br





FOSSIL

A mais avançada tecnologia
em nutrição é de quem você
conhece desde sempre.

A DSM, detentora da marca Tortuga, investe constantemente em pesquisa e tecnologia para fornecer o que existe de mais avançado em nutrição animal e, assim, continuar sendo a empresa pioneira que você já conhece e que cuida do seu gado com tanta dedicação. Trabalhamos para conquistar cada vez mais sua confiança. E ser sua grande referência em suplementos nutricionais. Saiba mais em www.tortuga.com.br • SAC: 0800-011-6262



RINO.COM

FOSBOVI®



HEALTH · NUTRITION · MATERIALS



DSM

BRIGHT SCIENCE. BRIGHTER LIVING.



Nutrição aliada à sanidade, genética, reprodução e ao bem-estar animal

Associação trabalha em prol do crescimento e da geração de valores genéticos da cadeia do leite no Paraná, segundo maior produtor brasileiro

Mylene Abud

“**P**ara saber qual o futuro de um rebanho, é necessário verificar como o produtor alimenta os seus animais. Ou seja, sem um manejo nutricional correto e adequado, ele não chega a lugar nenhum.” A afirmação é

de Altair Antonio Valloto, superintendente da Associação Paranaense de Criadores de Bovinos da Raça Holandesa (APCBRH), para quem a suplementação nutricional é fundamental para o sucesso e a

produtividade do rebanho. “Sem ela, a genética não aparece, a produção fica comprometida e a reprodução, nem se fala! E é assim que a ‘vaca vai para o brejo’”, aponta.



Fundada em 1953, a APCBRH surgiu com o objetivo de desenvolver a cadeia leiteira no Paraná, segundo maior produtor do País de acordo com a Pesquisa Pecuária Municipal do IBGE. A associação, que tem em seus quadros 1.758 produtores de leite e 274 indústrias e cooperativas parceiras, disponibiliza soluções e suporte a produtores, técnicos, cooperativas e empresas de laticínios, em áreas como Melhoramento Genético, Gestão de Rebanhos, Indicadores de Produção, Reprodução, Nutrição, Saúde dos Animais e Qualidade do Leite. Também oferece aos seus associados registro de animais, avaliação da conformação, Avaliação Genética Clássica (AGC) e avaliação genômica, Gestão Controle de Qualidade (GCQ), gestão Controle Leiteiro

Oficial (CLO) ou Gestão Zootécnica (GZ), laboratórios de qualidade do leite e de diagnósticos e programas de informática.

Segundo Altair Valloto, os serviços têm como principal objetivo auxiliar os associados na tomada de decisões eficazes, relacionadas aos indicadores e ao monitoramento de sanidade, genética, reprodução e bem-estar animal. E cita como exemplo a Avaliação Genética Clássica (AGC). “Hoje, somos a única Associação que disponibiliza essa ferramenta. O criador tem a oportunidade de saber quais são os seus animais geneticamente superiores, bem como os inferiores. Através do Índice de Seleção Genética (ISG), elaborado a partir do conjunto de características das habilidades de Transmissão do Animal (PTAs) em Produção, Conformação (tipo), Saúde e Fertilidade (individual), é possível apontar os animais mais equilibrados, refletindo, assim, em uma vaca mais lucrativa e útil. Temos casos em que a diferença de produção passa de 3.000 mil litros por lactação na média dos animais superiores e inferiores. As vacas geneticamente superiores têm faturamento bruto de R\$ 4.050,00 (leite a R\$1.35), ou seja, a média superior às vacas geneticamente inferiores do rebanho”, informa.

A Gestão de Controle de Qualidade (GCQ), explica, é uma nova modalidade de serviço, voltado ao atendimento das demandas de controle e monitoramento da qualidade do leite individual dos animais da propriedade, com geração de relatórios e

gráficos. “Atualmente, temos mais de 700 rebanhos com aproximadamente 40.000 mil vacas, acompanhadas e monitoradas mensalmente para Contagem de Células Somáticas (CCS) e dos componentes do leite: proteína, gordura e sólidos totais. É uma modalidade de serviço muito importante, principalmente para as indústrias que pagam por qualidade e que realmente querem trabalhar a qualidade de seus produtores. Em parceria com os produtores, as indústrias estão adotando essa modalidade. Os relatórios e gráficos das vacas gerados mensalmente são encaminhados para os produtores e técnicos dessas indústrias ou cooperativas, auxiliando os produtores a trabalharem a saúde e a nutrição dos rebanhos”, explica Valloto.

Além de todos esses serviços aos associados, com vistas ao crescimento e à geração de valores genéticos, os criadores têm acesso às Avaliações Genéticas Clássicas das vacas. “Esses resultados também são inseridos nos Certificados de Registros das raças (Holandesa, Jersey, Girolando, Pardo Suíço etc.) e a gama de indicadores é bem maior: produção, reprodução, melhoramento genético e sanidade”, destaca.

LABORATÓRIO DO LEITE

Com mais de 25 anos de atividades, o pioneiro laboratório de análise de leite da APCBRH tem como principal diferencial o trabalho voltado às necessidades específica dos produtores. “Temos mais de 80 mil vacas, de mais de 1.200 rebanhos, sendo acompanhadas mensalmente nos estados

>>>



Parte do Laboratório de Análise de leite da APCBRH: pioneirismo e um vasto banco de dados.

do Paraná, Santa Catarina, São Paulo e Rondônia. São mais de 270 indústrias parceiras que trabalham com a gente. Todo mês, totalizamos 220 mil amostras de leite analisadas de vacas e tanque, são mais de 10 milhões de análises por ano. Em 2017, foram mais de 13 mil vacas testadas para prenhez e sete mil animais para Diarreia Viral Bovina (BVD)”, enumera.

Com o intuito de colaborar para o manejo de rebanhos leiteiros para produtores de todos os tamanhos – desde os que têm 10 vacas em ordenha até os que têm 1.000, a Associação desenvolveu dois programas de plataforma simples e fáceis de operar: WEB+LEITE e HOME+LEITE. “O programa WEB+LEITE destina-se a produtores que têm acesso à internet de banda larga. Para os criadores que não têm uma boa rede de internet, disponibilizamos o HOME+LEITE, um software gratuito, sem mensalidade ou taxa de licença. Por meio desses dois softwares, o criador, que faz as análises

de leite conosco, pode acessar inúmeras informações através de relatórios e gráficos de produção, reprodução, saúde, genética e nutrição para a gestão dos indicadores zootécnicos dos rebanhos”, conta o superintendente da APCBRH, Altair Valloto.

Ainda com o objetivo de possibilitar aos produtores maiores ganhos genéticos, a Associação, em conjunto com a Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), está à frente da implementação do Projeto Genoma, programa de inovação tecnológica para a validação e a implementação das avaliações genômicas para características de interesse econômico dos animais da Raça Holandesa do Paraná e de todo o País. Com as avaliações genômicas, será possível acelerar a produtividade do rebanho - e o ganho - ao longo das gerações, já que a escolha correta do animal não só é essencial, mas também a decisão mais importante no melhoramento do gado de leite.

“Já fazemos a Avaliação Genética Clássica (AGC) para mais de 180 mil animais, para muitas características, com uma confiabilidade das informações próximo a 65%. Porém, com as avaliações genômicas, poderemos ampliar para 75% ou mais. E o mais importante é que teremos mais confiança na avaliação das bezerras e novilhas, além de podermos pesquisar e avaliar as características que são de interesse exclusivo dos nossos produtores, de acordo com as nossas condições de ambiente. Quem sabe, descobriremos outras características que ainda não tínhamos conhecimento? Os ganhos são enormes para os produtores e podemos tornar os testes genômicos mais acessíveis. Ou seja, é a premissa: com pouco, fazer mais e mais rápido”, observa Altair Valloto.

PRÊMIO QUALIDADE DO LEITE COMEÇA AQUI!

Para Altair Valloto, iniciativas como o prêmio ‘Qualidade do Leite Começa Aqui!’, promovido pela DSM, motivam toda a cadeia a pensar no futuro da atividade. “O país cada vez mais caminha para a autossuficiência na produção de leite e uma das saídas é exportamos para outros países. Porém, como iremos fazer isso, se não sabemos realmente qual é a qualidade do nosso produto? Através do programa, a DSM reconhece produtores que atingem altos níveis de qualidade na produção de leite com o uso de suas tecnologias, dando visibilidade e ajudando a todos da cadeia produtiva do leite a mostrar que este é o caminho”, elogia.

No ano passado, em sua sexta edição, o programa avaliou 7.523 fazendas produtoras de leite e cerca de 500 mil vacas, nas categorias Qualidade e Quantidade e Qualidade (Holandês, Jersey e Cruzados) e cooperativas parceiras do programa.

VENCENDO OS DESAFIOS

Segundo Altair Valloto, os principais desafios atuais do setor estão relacionados a custos de produção, volatilidade dos preços recebidos pelos produtores, escala de produção, capacidade e qualidade para exportação, além da sucessão familiar entre os pecuaristas em determinadas regiões. “Muitos médios produtores (entre 30 e 70 vacas em ordenhas) estão deixando a atividade e, também, aqueles que não têm um bom manejo, gestão, equipes bem estruturadas e que têm pouco apoio. Sendo assim, acreditamos que a produção

irá se manter estável por um período. Hoje, 60% da nossa produção é exportada para outros estados”, fala, comentando a Pesquisa Pecuária Municipal do IBGE, que registra produção ascendente no Paraná nos últimos 10 anos.

E registra otimismo pelo que está por vir. “Temos boas perspectivas para o futuro, o leite é um produto que, de uma forma ou outra, está presente na mesa da população mundial (proteína de alto valor). Somos sete bilhões de habitantes e pesquisas e estudos mostram que população mundial deverá ser de quase 10,5 bilhões de pessoas em 2050, sendo que essa população terá que se alimentar. Países como China, Índia e outros do continente africano terão grande demanda por lácteos. O aumento da renda leva à expansão do consumo”, finaliza Valloto. ●

“
Através do programa, a DSM reconhece produtores que atingem altos níveis de qualidade na produção de leite com o uso de suas tecnologias, dando visibilidade e ajudando a todos da cadeia produtiva do leite a mostrar que este é o caminho.”

Altair Valloto

Superintendente da Associação Paranaense de Criadores de Bovinos da Raça Holandesa (APCBRH)



Dr. Altair Valloto, superintendente da APCBRH, em apresentação sobre a Associação.



Como aumentar a rentabilidade melhorando a qualidade do leite

Na MelkStad, gestão e qualidade andam juntas!

Alceu Miguel D. Junior

Assistente Técnico Comercial da DSM Leite (PR)

Julio César G. Santos

Representante Comercial - Carambé e Castro (PR)

Diogo Vriesman, zootecnista de formação, cresceu em uma região e em uma família com tradição na produção de leite. Com experiências na área comercial

em diferentes localidades do País e como técnico de campo na Frísia Cooperativa Agroindustrial, no Paraná, sempre sonhou em ter seu próprio negócio e produzir leite

em larga escala.

Com esse objetivo, em 2012, associou-se ao amigo Marcio Hamm, ao seu tio



Barracão da MelkStad:
“Cidade do Leite”.



Ordenhadeira mecanizada de última geração.

Eduardo Vriesman e, posteriormente, a Renato Greidanus. Juntos, deram início ao Condomínio MelkStad - que significa 'Cidade do Leite' em holandês, fundado na região dos Campos Gerais no município de Palmeira (PR), na colônia de Witmarsun, com 50 vacas em lactação em uma chácara alugada.

No ano seguinte, mudaram-se para a cidade de Arapoti quando surgiu a oportunidade de comprar um plantel de 300 animais. Nesse momento, juntaram-se à sociedade Arthur Ferreira dos Santos Neto, encarregado pela produção de volumoso, e a Fazenda Pereira, responsável pela recria da propriedade.

Ainda em 2013, já com a estrutura societária completa, Diogo, hoje diretor do grupo, decidiu sair de seu emprego na cooperativa para canalizar 100% do seu

tempo para a MelkStad. 2014 marcou o início das obras de construção da sede própria da "Cidade do Leite", que entrou em operação em fevereiro de 2015.

Crescer em quantidade e qualidade não é tarefa fácil, principalmente na velocidade da MelkStad, que passou de 300 para 600 vacas em lactação, deixando clara a necessidade de aprimorar o gerenciamento e a setorização da fazenda. Com foco na equipe e no desenvolvimento das pessoas, os colaboradores tiveram a oportunidade de estudar o Sistema MDA, controle para facilitar a gestão nas fazendas, na Clínica do Leite, vinculada ao Departamento de Zootecnia da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da Universidade de São Paulo (ESALQ/USP).

Para Diogo Vriesman, essa decisão foi fundamental. "A implementação do MDA,

sistema de gestão de propriedades leiteiras da Clínica do Leite, modelo trabalhado até hoje, foi essencial para o sucesso da propriedade, principalmente pela velocidade em que são estudados números, causas e métodos para resolver as 'crises' na leiteria", observa.

TRABALHO EM EQUIPE

Pensando na qualificação da mão de obra, a leiteria da Melkstad dispõe de um setor de RH, cuja metodologia de contratação tem como meta o engajamento do novo colaborador, para que este se sinta parte do time e dono do negócio. "Durante a greve que acabamos de passar, por exemplo, como grande parte da equipe depende de transporte e havia falta de combustível, todos os colaboradores sem hesitar mudaram-se para a fazenda, para não deixar de cumprir com a sua rotina!", conta orgulhoso Diogo.

>>>



Freestall da MelkStad

A equipe possui atualmente 54 colaboradores, divididos em seis setores, e tem como gestor operacional Marcio Hamm, responsável por trabalhar em cima dos principais indicadores da leiteria, gerados pelos diferentes setores da fazenda. Esses indicadores têm como objetivo melhorar a rentabilidade da fazenda e aumentar a bonificação no preço final do leite, entre outras funções.

Na estrutura societária, todos respeitam as suas funções individuais, conceito passado para toda a equipe. “Isso evita interferências na gestão de pessoas e de resultados, buscando a autonomia entre os setores. A gestão participativa realmente acontece, operadores e supervisores sabem até que ponto têm autonomia

na tomada de decisão, com a filosofia de comprometimento e foco no resultado. Para nós, o sucesso nos resultados depende das pessoas”, explica Diogo.

QUALIDADE DO LEITE

Desde o início, em 2012, a MelkStad trabalha com os suplementos nutricionais da DSM e, como cooperada Frísia, também utiliza um concentrado proteico

formulado pelo Departamento Técnico da cooperativa, tendo como nutricionista responsável o Dr. Leopoldo Los.

Sempre figurando entre os primeiros lugares no “Programa Qualidade do Leite Começa Aqui! da DSM, o condomínio está preparado para a sétima edição do evento que acontece nesse ano. “Vamos participar mais uma vez e mais fortes ainda, com resultados consistentes e equipe comprometida com os resultados”, garante Diogo Vriesman .

Recentemente, o condomínio foi premiado com o primeiro lugar em qualidade do leite pela Cooperativa Frísia. E, em 2017, ficou em 9º lugar no Top 100, com incremento de 11.349 litros e 63,1% a mais em relação à produção do ano anterior. “O reconhecimento foi compartilhado com toda a equipe, afinal, o prêmio é de todos. Este resultado não é de hoje, foi construído pelas pessoas”, enfatiza Diogo. “Gestão é a ideia e acredito em oportunidades de replicar esse modelo de negócios. O crescimento não tem limites!”, fala sobre o futuro da empresa.

Evolução dos resultados da MelkStad

	Gordura	Proteína	CCS	CBT	Prod. Diária/Litros
2012	3,45	3,27	640	8	1.251
2013	3,09	3,14	399	6	8.542
2014	3,44	3,20	354	3	9.317
2015	3,23	3,17	365	1	18.290
2016	3,37	3,23	178	7	29.251
2017	3,40	3,19	109	5	37.659
HOJE	3,54	3,29	126	4	54.480



Período de transição de resultados.

Afinal, como o próprio nome diz, é hora de adotar a estratégia nutricional da nova linha Bovigold®

O período de transição requer atenção especial pois problemas como hipocalcemia, mastite e retenção de placenta podem impactar negativamente a sua lucratividade. A DSM oferece produtos com tecnologias exclusivas, como os **Minerais Tortuga** - que melhora a imunidade e os índices de reprodução; e o **OVN® (Optimum Vitamin Nutrition)** - que otimiza a saúde e o desempenho animal, além de melhorar a qualidade e o valor nutricional do leite.

Converse com nossa equipe técnica comercial.





Krominum® auxilia Cavalos PSI na conquista de importantes vitórias

Animais da raça originária da Inglaterra são velozes e se destacam em competições, como o turfe e o hipismo

Gustavo Flores Zielinski
Supervisor de Vendas RSF-02 | DSM

O Puro Sangue Inglês (PSI), raça de cavalo proveniente da Inglaterra, como o próprio nome diz, conquistou o mundo graças à sua velocidade e resistência, sendo

usado em corridas pelos quatro cantos do planeta, onde continua a manter o domínio. Além de velocista, este cavalo é um bom saltador de obstáculos e um bom cavalo de

sela para passeios.

As características desta raça passam, ainda, pelo seu ar altivo, como se dominasse sempre qualquer situação, e pela coragem



rebanho de animais registrados ultrapassa os 20 mil exemplares.

Localizado no município de Aceguá, no Rio Grande do Sul, o Haras Nijú é um dos principais criatórios da raça PSI no País. Desde o início das atividades, em 2005, o proprietário do haras, Gabriel Norberto Lottici, tem seu trabalho baseado na busca constante pela excelência em resultados nos hipódromos do Brasil e de países da América do Sul. E tem colhido bons frutos com o uso do Kromium® com os Minerais Tortuga®, da DSM.

O plantel do Nijú é formado por 80 éguas de cria, que são suplementadas com Kromium® na ração diária durante o ano todo. Após o nascimento, os potros são racionados ao redor dos três meses e o trabalho acompanha todo o desenvolvimento dos animais, para chegarem aos grandes centros de corrida.

“A melhora como um todo é visível nos animais que usam o Kromium®, tanto na pelagem e na musculatura, como no desenvolvimento e na parte óssea”, observa o médico-veterinário Raul Henrique Gomes Rocha, responsável pelo Haras e que, desde 2010, utiliza e avalia os resultados do Kromium® no plantel de éguas, de potros e de animais que saem da propriedade para os principais hipódromos do País. “É grande a diferença no desempenho dos animais que chegam às corridas e que foram suplementados com Kromium® desde a sua gestação”, pontua.

Estes resultados são fruto de um produto formulado com as tecnologias dos Minerais Tortuga® e, também, atestados em

“
A melhora como um todo é visível nos animais que usam o Kromium®, tanto na pelagem e na musculatura.”

vários trabalhos científicos realizados em renomadas universidades.

Resultados que podem ser comprovados nas pistas. Com trabalho árduo e o apoio da nutrição adequada, o Haras Nijú conquistou inúmeras vitórias e, dentre as mais recentes, destaca-se o desempenho dos seguintes animais:

- Escudo Y Balla, vencedor do 9º Grande Premio Sprint Sales - 600 metros - no Jockey Club Carazinhense (RS), em 26/04/2017 (Exportado Invicto para o UY);
- Jadir, o melhor potro 2 anos de 2017, que conquistou o Grande Prêmio Jockey Clube Brasileiro (G1) – Criterium dos dois anos - no Hipódromo da Gávea (RJ), em 11/06/2017 – 1.600 metros;
- Feiticeira Kowboy, vencedora do 50º Grande Prêmio Turfe Gaúcho, realizado no Hipódromo do Cristal, em Porto Alegre (RS), em 15/01/2018 – 1.700 metros;
- Detentor das últimas Duas Tríplexes Coroadas no Hipódromo do Cristal (RS), em 2016 e 2017.

que demonstra quando lhe aparecem obstáculos pela frente. O PSI pode atingir 500 kg de peso e 1,65m de altura e é um animal de grande capacidade atlética e considerável vigor físico.

No entanto, o PSI que agora conhecemos é um cruzamento intencional de raças, feito com o propósito de obter uma raça de bons cavalos de corrida, que resultou em um velocista puro. No Brasil, o Cavalos PSI é utilizado principalmente em corridas e o





Sustentabilidade na avicultura, o compromisso da DSM

Dimitri Moreira de Freitas

Dimas Pereira

Em seus mais de 100 anos de existência a DSM tem mostrado que sempre pode se transformar frente a uma sociedade que vive constantes mudanças. Com um de seus maiores propósitos: “proporcionar vidas brilhantes para as pessoas e as gerações que virão”, a DSM sabe que só pode garantir isso através de soluções inovadoras e sustentáveis.

Os desafios que esta nova realidade da sociedade tem exigido da produção animal são inúmeros. O alto crescimento demográfico, as exigências da população

por proteínas a menores custos e mais qualidade, atrelado a isso o compromisso com a redução das emissões de poluentes ambientais outrora causados pelos sistemas intensivos de produção, impulsionam a DSM a constantemente buscar novas tecnologias a seus clientes que venham a suprir essas demandas: seja melhorando a eficiência dos animais, diminuindo a inclusão de componentes

da dieta sem os prejuízos econômicos ou melhorando a saúde do plantel de forma segura para o consumidor.

Dentre as soluções que mais impactam positivamente o meio ambiente é o uso de enzimas nas rações, estas têm a



capacidade de melhorar o aproveitamento dos nutrientes proporcionando assim uma importante economia financeira e uma significativa redução de poluentes que estariam atrelados aos processos produtivos.

ENZIMAS E MEIO AMBIENTE – MAIOR LUCRATIVIDADE E MENOS POLUENTES

Desenvolver uma produção mais sustentável necessita de um envolvimento intenso da equipe técnica e um comprometimento absoluto dos gestores de agroindústrias de diferentes segmentos. A decisão do uso de ferramentas que diminuam a poluição desencadeada pelo processo produtivo é uma medida responsável e principalmente expõe o compromisso entre a indústria, a sociedade e do meio ambiente.

Para expor isso, a DSM leva aos seus clientes uma análise que quantifica os reflexos sobre o meio ambiente do uso de enzimas nas rações. Essas informações se originam de uma Avaliação de Ciclo de Vida, nela é possível quantificar de forma simples o quanto ações nutricionais podem reduzir a emissão de CO² ao ambiente.

Para o cálculo do impacto ambiental na redução da emissão de CO² após a utilização de enzimas em dietas de aves levou-se em consideração os seguintes pontos:

Melhora da digestibilidade do nitrogênio em dietas contendo a Protease da DSM – Ronozyme Proact®.

Redução do consumo de proteína em dietas contendo Ronozyme Proact®.

O QUE É A ANÁLISE DO CICLO DE VIDA?

A Avaliação de Ciclo de Vida (ACV) de um produto consiste no estudo completo dos impactos gerados em todo o ciclo de vida de um produto. Os estudos de ACV abrangem desde a extração da matéria-prima até sua destinação final, passando pelas etapas de produção, distribuição e consumo.

Uma grande contribuição da ACV é identificar onde estão os maiores impactos no ciclo de vida de um produto, para a busca de alternativas. Muitas vezes o impacto está em etapas “invisíveis” aos olhos da sociedade, por isso ao trazer melhorias a empresa deve elaborar consistente campanha de divulgação para valorizar o esforço envidado.

>>>





Entrega do Reconhecimento de Sustentabilidade - da esquerda para a direita: Dário Neto (Gujão), Vilson Aragão (Nutrifeira), Carlos Augusto (Gujão) e Dimas Pereira (DSM).

Redução na excreção de nitrogênio pelas aves que consumiram dietas com Ronozyme Proact®.

Em contrapartida aos pontos mencionados leva-se em consideração os gastos energéticos e impacto ambiental da produção do Ronozyme Proact®.

GUJÃO ALIMENTOS – COMPROMISSO E EFICIÊNCIA

Um exemplo de dedicação e responsabilidade que orgulham a DSM é o caso do cliente Gujão Alimentos localizado do

município de Conceição da Feira na Bahia. A Gujão é uma tradicional empresa baiana de 35 anos, atualmente produz cerca de 500 mil aves por semana e é responsável por empregar mais de 800 pessoas.

A parceria com a DSM vem desde 2006. Neste período a Gujão iniciou um trabalho de melhora na digestibilidade de suas dietas com o uso de Ronozyme Proact®, além de benefícios técnicos e econômicos, já reduziu 1556 toneladas de CO² para o meio ambiente em apenas 3 anos (veja abaixo o que isso corresponde).

Em 2018, a Gujão Alimentos foi novamente reconhecida pelos seus esforços em zelar pelo meio ambiente. A empresa recebeu pelo Instituto Chico Mendes o Selo Verde pela sua gestão socioambiental, sendo a primeira empresa do segmento avícola do seu estado a receber esse reconhecimento.

Para a DSM, sustentabilidade vai além de valores, sustentabilidade é nossa responsabilidade. Esperamos com nossas atitudes inspirar o maior número de pessoas possível para poder enfrentar esses novos e urgentes desafios. Além disso, estaremos sempre na busca de novas ferramentas que possa levar soluções de forma segura e longa a nossos clientes e parceiros.



Selo Verde, entregue à Gujão Alimentos, pelo Instituto Chico Mendes.

Impacto do uso de ProAct® na Gujão sobre o meio ambiente:



Número de lâmpadas incandescentes trocadas para LED 39 360



Número de árvores plantadas por 10 anos: 24 119



Número de carros dirigindo por ano 648

No Nordeste, nutrição animal moderna e sustentável



Visita à fábrica de rações Integral MIX.

Visitas à fábrica de Pecém e a clientes dos negócios monogástricos e ruminantes marcaram a viagem de Gertjan de Koning, Vice-Presidente Global Comercial da DSM, ao estado do Ceará no mês de abril. Em Pecém, o executivo conheceu a unidade de produção de ração e participou de discussões sobre a situação do mercado atual de vitaminas no mundo.

Em seguida, o VP visitou a fábrica de rações Integral MIX, cliente da empresa que oferece produtos com base na nutrição moderna e sustentável às regiões Nordeste e Norte do País. Acompanhado pelos representantes da DSM Danilo Pimenta, Gerente Comercial Nordeste, Marcelo Oliveira, Gerente Técnico Comercial Monogástricos, Frederico Glaser, Gerente de Categoria Leite, Liberato Oliveira, Coordenador Técnico

Gado de Leite N-NE, e Felipe Alves, Supervisor Comercial Nordeste, Gertjan de Koning foi recebido pelo Diretor da Integral MIX, Marcos Lima, e sua equipe técnica composta por

Eduardo Butolo (Gerente Técnico), Suyanne Cruz (Coordenadora Técnica de Equinos) e Celso Nagai (Gerente de Produto).

Depois, a equipe seguiu para a Fazenda DuFrota para conhecer de perto o sistema de produção de leite com vacas Girolando confinadas em free stall. Cliente da linha completa de leite da DSM e do Bovigold CRINA® para os lotes em lactação, a DuFrota possui fábrica e marca própria de queijos comercializada na capital, Fortaleza. “Apresentamos os principais ingredientes utilizados na formulação de vacas de leite aqui no Nordeste e falamos sobre os principais gargalos da atividade”, conta Marcelo Gomes, Gerente da Fazenda, que recepcionou a equipe da DSM. 



Visita à Fazenda DuFrota: alta produção de leite.

Gestão por Indicadores: uma ferramenta necessária

Murillo Calazans Thomaz

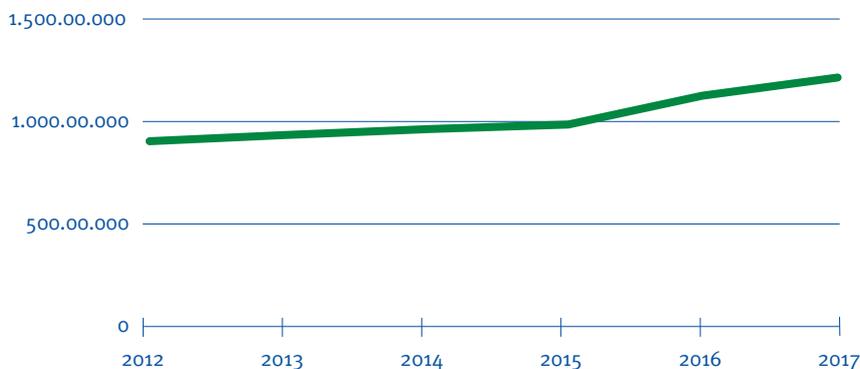
Gerente de Contas Indústrias de Rações da DSM

Flavio Abreu Lage

Gerente Brasil Indústrias de Rações da DSM

Produção total de ração de 2012 a 2017:

Total Mundial (ton)



Fonte: All About Feed

Em 2016, segundo a International Feed Industry Federation (IFIF), a produção mundial de rações chegou a um bilhão de toneladas, gerando um faturamento anual estimado em mais de US\$ 400 bilhões. Já em 2017, dados apontam uma produção de cerca de 1,07 bilhão de toneladas e faturamento de US\$ 430 bilhões, um mercado que registra crescimento de 13% nos últimos cinco anos. Nesse cenário, o Brasil ocupa a 3ª colocação como produtor individual, ficando atrás apenas da China e dos EUA. Entretanto, segue com a maior taxa de crescimento no setor desde 1999.

A Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) estima que, até 2050, a demanda por alimentos cresça 60%, e que a produção de carne e produtos lácteos crescerão 70% e 55%, respectivamente. O incremento de produtividade necessário para atender a essas demandas passará, certamente, pela utilização de novas tecnologias e pelo maior uso de rações nas dietas animais.

Com base nisso, as Indústrias de Rações necessitam buscar alternativas que garantam um alimento seguro,

nutricionalmente adequado, que aumente a produtividade animal e que seja lucrativo. Sabemos que esse último ponto é sempre o grande alvo das empresas, e que, nesse contexto, volta-se a atenção ao menor custo de fórmula possível. Mas será esse o caminho?

O que se observa é que fabricar um produto que promova maior desempenho zootécnico que seu concorrente e entender o impacto financeiro que cada processo fabril tem sobre o custo do produto final parece ser o caminho mais seguro na busca por competitividade comercial.

Nesse sentido, é fundamental ter boa gestão. Entender onde estão os pontos de melhoria e corrigi-los é fundamental para a indústria, pois, certamente, este será o diferencial competitivo em um mercado crescente e abrangente.

“O que pode ser medido, pode ser melhorado”. A máxima de Peter Drucker, apesar de bem conhecida, parece ainda não permear a maioria das indústrias, pois muitas fábricas possuem poucos indicadores pautados de maneira rotineira. Outras até os possuem, mas têm dificuldade em transformá-los em informações úteis para a melhoria do sistema produtivo.

A Gestão por Indicadores nas Fábricas de Rações abrange pontos-chave, que dão o diagnóstico real em relação aos aspectos de produtividade, do engajamento da equipe, da qualidade dos produtos, dos dados econômicos envolvidos, enfim, apresentam um retrato real da situação da fábrica, que norteará os planos de ações futuros.

Colaborando com o desenvolvimento dos seus clientes, a DSM, detentora da marca Tortuga®, atua de forma direta no segmento de indústrias de rações. Hoje, a empresa possui uma equipe de profissionais capacitados que realizam atendimento diferenciado para as Indústrias de Rações. Esse atendimento abrange desde a atuação em nível interno de fábricas – com sugestões de regulagens e ajustes

de maquinários, tomadas de tempos para ajustes operacionais, Boas Práticas de Fabricação, controle de qualidade, formulação de linhas de rações, treinamento de funcionários, treinamento de vendedores, atendimento aos principais clientes e, como já discutido, auxílio na implementação e acompanhamento dos indicadores –, bem como a interpretação dos dados e, alinhado com os objetivos

de cada cliente, a elaboração de um plano de ação, visando a alcançar os objetivos almejados.

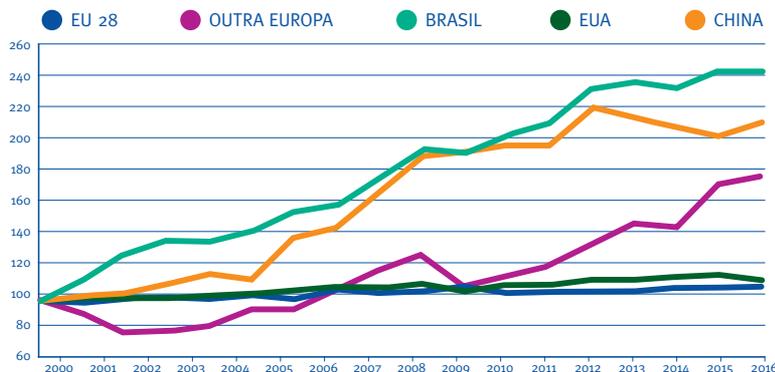
Diante desse cenário extremamente dinâmico e competitivo que caracteriza o mercado das Indústrias de Rações, acreditamos que uma gestão eficaz, moderna e focada em resultado, é o caminho para o sucesso desse setor industrial. ●

Top 7 em 2017

País	Mills	Produção (ton.)
China	6.000	186.900.000
Estados Unidos	6.241	173.000.000
Brasil	1.572	69.900.000
Rússia	569	37.600.000
México	501	34.400.000
Índia	1.201	34.200.000
Espanha	841	33.000.000

Fonte: Dairy Global

Evolução da produção global de ração



Fonte: FEFAC

REFERÊNCIAS

<http://www.ifff.org/pages/t/Global+feed+production>. Acesso em 29/06/2018

Klein, Antonio Apercio: Gerenciamento de Fábrica de Rações. Revista Abril, 2015

<http://www.feedstrategy-digital.com/201806/index.php#20>. Acesso em 03/07/2018

<https://www.allaboutfeed.net/Compound-Feed/Articles/2018/1/Global-feed-production-again-over-1-billion-MT-240985E>. Acesso em 03/07/2018



Negócios embalados com muita informação

Com a participação de milhares de produtores rurais, a DSM promove a Semana da Revenda em todo o País e já prepara uma nova edição para novembro

Larissa Vieira

Sempre de olho nas inovações que chegam às prateleiras da Cooperativa de Capivari (CANACAP), o produtor rural Caio Armelin Castellani aproveitou a “Semana da Revenda” para aliar conhecimento técnico a boas oportunidades de negócios. O evento, promovido pela DSM de forma simultânea

em 212 revendas e cooperativas de todo o Brasil, teve a participação de 6.500 pessoas, que, assim como Castellani, pretendem inovar os seus negócios. “Muitos produtores da região de Capivari têm dificuldade para obter informações técnicas sobre as novas tecnologias que vêm surgindo na pecuária,

por isso, eventos como esse são de extrema importância e acabam atraindo um grande número de pessoas”, afirma Castellani, que, no Sítio São José, mantém um sistema de recria, semiconfinamento e confinamento e conta com a assistência técnica da DSM para elaborar o planejamento nutricional do rebanho. Em seu primeiro ano de confinamento, já conseguiu um ganho médio diário de 1,750kg por cabeça. Com o bom desempenho zootécnico do gado, o produtor aproveitou a Semana da Revenda para assegurar bons descontos nos produtos da DSM, detentora da marca Tortuga, que utiliza em sua propriedade.



Da esquerda para a direita: Juliane Calgaro, promotora de vendas da DSM, Greice Brackmann e William Kempf, ambos atendentes técnicos da Agropiá - Cooperativa Piá.

De acordo com o encarregado de compras da CANACAP, Fernando Oliveira Gabassi, em apenas um dia, a cooperativa comercializou 24 toneladas de sal mineral. “O evento foi um sucesso e superou em público e negócios a edição passada. Mais de 150 clientes estiveram no local para fazer negócios e participar das palestras. Esperamos fechar 2018 com um crescimento maior que os 35% registrados em 2017”, assegura

Gabassi. Além da sede, em Capivari, a unidade da CANACAP em Porto Feliz/SP também sediou a Semana da Revenda, que ocorreu de 21 a 25 de maio.

Outras 154 revendas e cooperativas das regiões Centro-Oeste, Norte, Nordeste e Sudeste participaram da iniciativa e, juntas, receberam mais de 4.500 pessoas. Na programação, palestras técnicas sobre a importância da suplementação para bovinos de corte e de leite e, também, para equinos. Houve, ainda, plantão técnico em diversas fazendas para orientar o uso da suplementação no rebanho.

Já no Sul, quase duas mil pessoas participaram do evento, ocorrido de 7 a 11 de maio, em 56 revendas e cooperativas do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Como a região tem uma grande bacia leiteira, as palestras englobaram a suplementação para este tipo de gado e, também, para equinos. De acordo com o gerente regional de Vendas e coordenador do Programa de Relacionamento com Revendas e Cooperativas da DSM, Carlos Portela, o objetivo da Semana da Revenda é aproximar a empresa do elo final da cadeia de nutrição animal e, com isso, entender as suas necessidades e os anseios, além de esclarecer dúvidas dos produtores. “Também realizamos treinamentos das equipes de vendas das inúmeras empresas participantes para que possam orientar, de forma mais precisa, os produtores no momento da compra dos produtos da DSM”, explica.

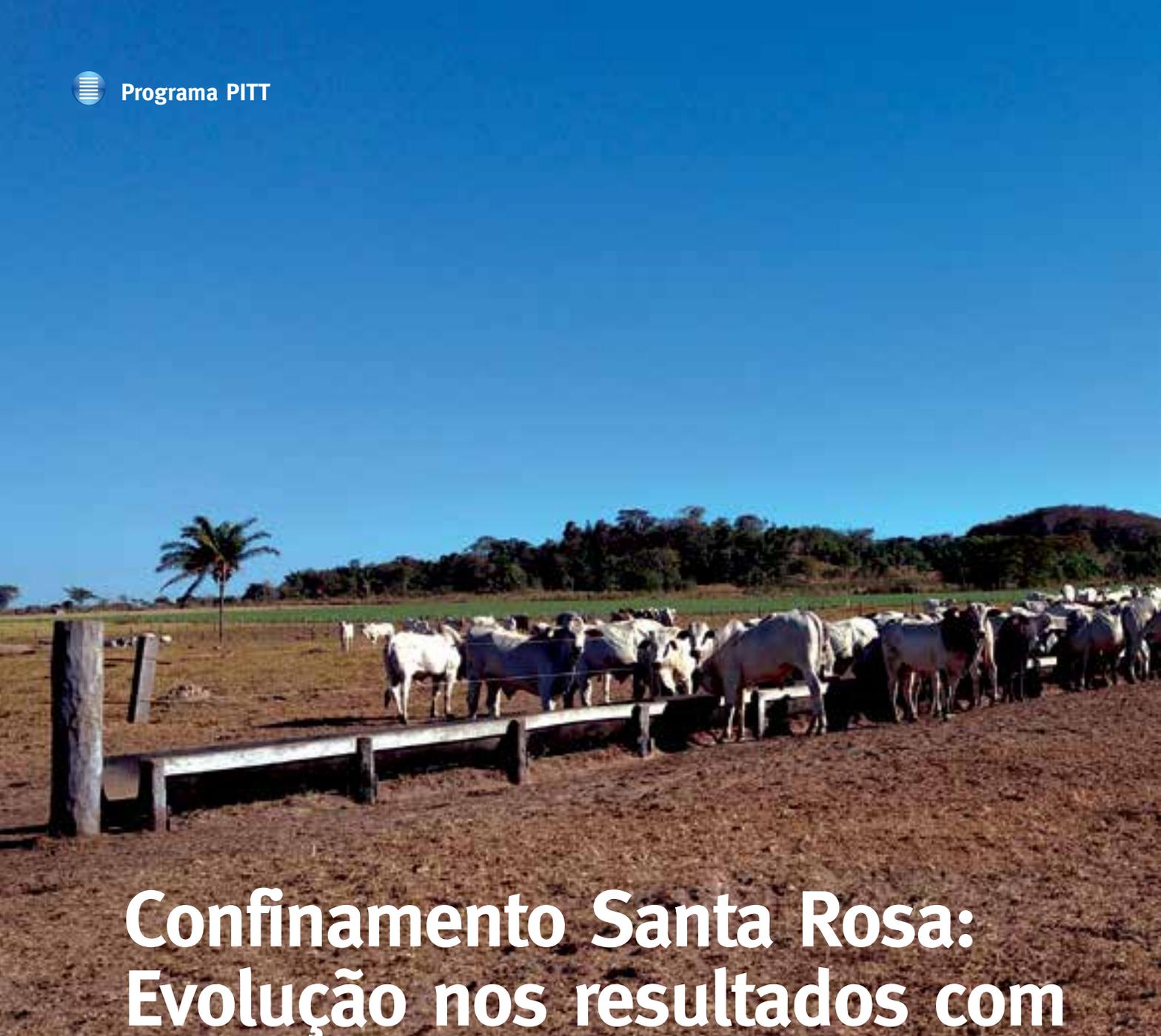


Da esquerda para a direita: Antônio Spada, representante comercial; Cleuze Pinto, Gerente Afubra - Filial São Miguel do Oeste/SC; Mateus y Castro da Silva, supervisor técnico comercial DSM; e Odirlei Baldissera, subgerente Dep. Agrícola Afubra - Filial São Miguel do Oeste/SC.

Este é o segundo ano da Semana da Revenda, que, em 2018, passa a ser realizada a cada semestre, coincidindo sempre com os meses de vacinação obrigatória contra a febre aftosa – maio e novembro. “Definimos esses meses porque são momentos em que o produtor já vai à revenda comprar a vacina e terá a oportunidade de receber uma atenção especial sobre a parte nutricional do rebanho”, conta Portela.

O evento refletiu positivamente nas vendas, que ficaram 50% acima da média mensal, sem afetar os negócios do mês seguinte. Em junho, as revendas mantiveram o ritmo de vendas estimado para o período, refletindo que o crescimento registrado em maio, durante a Semana da Revenda, não significou uma compra antecipada.

A DSM conta com 1.900 revendas e cooperativas em todo o Brasil participantes do seu Programa de Relacionamento, que oferece uma série de benefícios comerciais e técnicos nas aquisições de produtos. A meta é chegar, em 2019, com três mil empresas participantes. “O programa vem crescendo significativamente em todo o País, permitindo um maior acesso do pecuarista aos produtos e à assistência técnica da DSM. No caso dos pequenos produtores rurais, que sofrem com a falta de um atendimento especializado, eventos como a Semana da Revenda acabam ajudando a suprir um pouco essa deficiência e são considerados de grande importância para levar mais tecnologia a essas pequenas propriedades”, finaliza Portela. ●



Confinamento Santa Rosa: Evolução nos resultados com adoção de novas tecnologias

Fazenda do município de Novo Mundo (MT) adota o confinamento estratégico com excelentes resultados

Luis Otavio Affonso Bosque

Assistente Técnico Comercial da DSM

Zootecnista CRMV/Z-MT 560 - Especialista em produção de Ruminantes

João Paulo Franco da Silveira

Supervisor de Vendas da DSM

Pós Dr. Forragicultura e Pastagem

Fazenda Santa Rosa localizada no norte de Mato Grosso: há dois anos, a capacidade estática do confinamento foi ampliada com a abertura de quatro piquetes ao redor.



Em meados de 2007, o cliente do Programa de Incentivo à Tecnologia Tortuga (PITT) da DSM, José Mario Ribeiro e sua esposa, Terezinha Otília Ribeiro, iniciaram as atividades de pecuária de corte na Fazenda Santa Rosa localizada no norte de Mato

Grosso, mais precisamente no município de Novo Mundo, a 775 km da capital do estado, Cuiabá.

A propriedade trabalha com o ciclo completo (cria, recria e engorda) e, também, adquire animais no mercado

para a época do confinamento, já que o número de matrizes não atende toda a demanda de machos para o confinamento.

Na cria, utiliza a Inseminação Artificial em Tempo Fixo (IATF) para melhorar os índices reprodutivos e incrementar o ganho genético dos animais, com sêmen das raças Nelore e Aberdeen Angus.

Na recria, o trabalho tem como base a suplementação proteica, desde a desmama até a entrada desses animais no cocho. O consumo previsto desse produto é de 0,1% do PV, ou seja, animais com média de 300 kg PV (10 @) terão um consumo de aproximadamente 300g/cab/dia de proteinado.

Desde 2013, a fazenda utiliza o sistema de confinamento estratégico, que teve início com 429 animais. Desde então, essa atividade vem em forte crescimento dentro da fazenda e, hoje, o número de animais confinados ultrapassa 1.200 cabeças/ano, em sua maioria animais crioulos (genética própria).

Em 2016, a capacidade estática do confinamento foi ampliada com a abertura de quatro piquetes ao redor do confinamento, onde os animais ali dispostos recebem a mesma dieta dos animais das baias do confinamento.

A estratégia é alojar os animais mais leves nesses piquetes e os mais pesados nas baias do confinamento. Assim que os animais mais pesados vão sendo abatidos, os animais dos piquetes vão entrando para as baias do confinamento. Com >>>

essa estratégia, houve um aumento de praticamente 300% no número de animais abatidos nos últimos quatro anos. A instalação é simples, com bebedouros e cochos de borracha, com área linear de 35cm/cab.

O manejo do confinamento é baseado em três dietas (Adaptação, Crescimento e Terminação). O protocolo de mudança de dieta é feito conforme descrito na Tabela 1:

O fornecimento inicial é de 1,5% do PV em MS, sem restrição de consumo.

Utilizamos vagão TMR e o trato é programado curral por curral.

Em 2017, houve uma mudança importante na nutrição desses animais, com a substituição do uso dos antibióticos ionóforos (monensina sódica) pelos óleos essenciais (CRINA® – Blend de óleos essências). O resultado foi

surpreendente, seguindo as pesquisas de desenvolvimento das novas tecnologias.

Na Tabela 2 abaixo, segue o comparativo entre os anos de 2016 (monensina sódica) e 2017 (CRINA®).

Aumento de 17% no GMD (Ganho Médio Diário), 9% no GMD carcaça e produção de 0,8@ a mais no mesmo período de confinamento.

FOSBOVI CONFINAMENTO CRINA® N



Indicado para preparo de concentrado para bovinos de corte em confinamento.

Tabela 2 - Comparativo entre o uso de antibióticos ionóforos (monensina sódica) pelos óleos essenciais (CRINA®):

Parâmetros	2016	2017
Dias de Cocho	103	106
PV Entrada (kg PV)	381,05	372,9
PV Saída (kg PV)	527,62	543,2
RC (%)	55,43%	55,01%
IMS (%PV)	2,42%	2,43%
GMD (kg/cab/dia)	1,44	1,69
GMD carcaça (kg/cab/dia)	1,030	1,120
Eficiência Biológica	162	151
@s produzidas	6,8	7,63
Rentabilidade a.m	6,0%	6,12%

Tabela 1 - Dietas nas fases de Adaptação, Crescimento e Terminação

TRATO	Adaptação	Step. 1	Step. 2	Step. 3	Terminação
1 (30%)	Adaptação	Adaptação	Crescimento	Crescimento	Terminação
2 (20%)	Adaptação	Adaptação	Crescimento	Crescimento	Terminação
3 (20%)	Adaptação	Crescimento	Crescimento	Terminação	Terminação
4 (30%)	Adaptação	Crescimento	Crescimento	Terminação	Terminação
DIAS	1 ao 5	6 ao 10	11 ao 15	16 ao 20	21 em diante

O GMD de carcaça é um dado zootécnico de suma importância para o pecuarista ter em mente, pois é através dele que sabemos se o animal ganhou carcaça (carne) ou somente peso corporal, perdendo eficiência nos ganhos em vísceras, por exemplo. Como o pagamento do animal é feito pelo seu Rendimento de Carcaça (RC), nada mais justo do que trabalhar esse índice em busca de maior rentabilidade e eficiência no confinamento.

Os ingredientes utilizados na dieta foram: milho moído grosso (2,0 mm de partícula), farelo de soja, torta de algodão, silagem de cana-de-açúcar e Fosbovi Confinamento CRINA® N. De acordo com a Tabela 3, trabalhamos com a dieta média final com os valores descritos abaixo.

Esse resultado de significativa importância deve ser abordado de forma ampla. Quanto

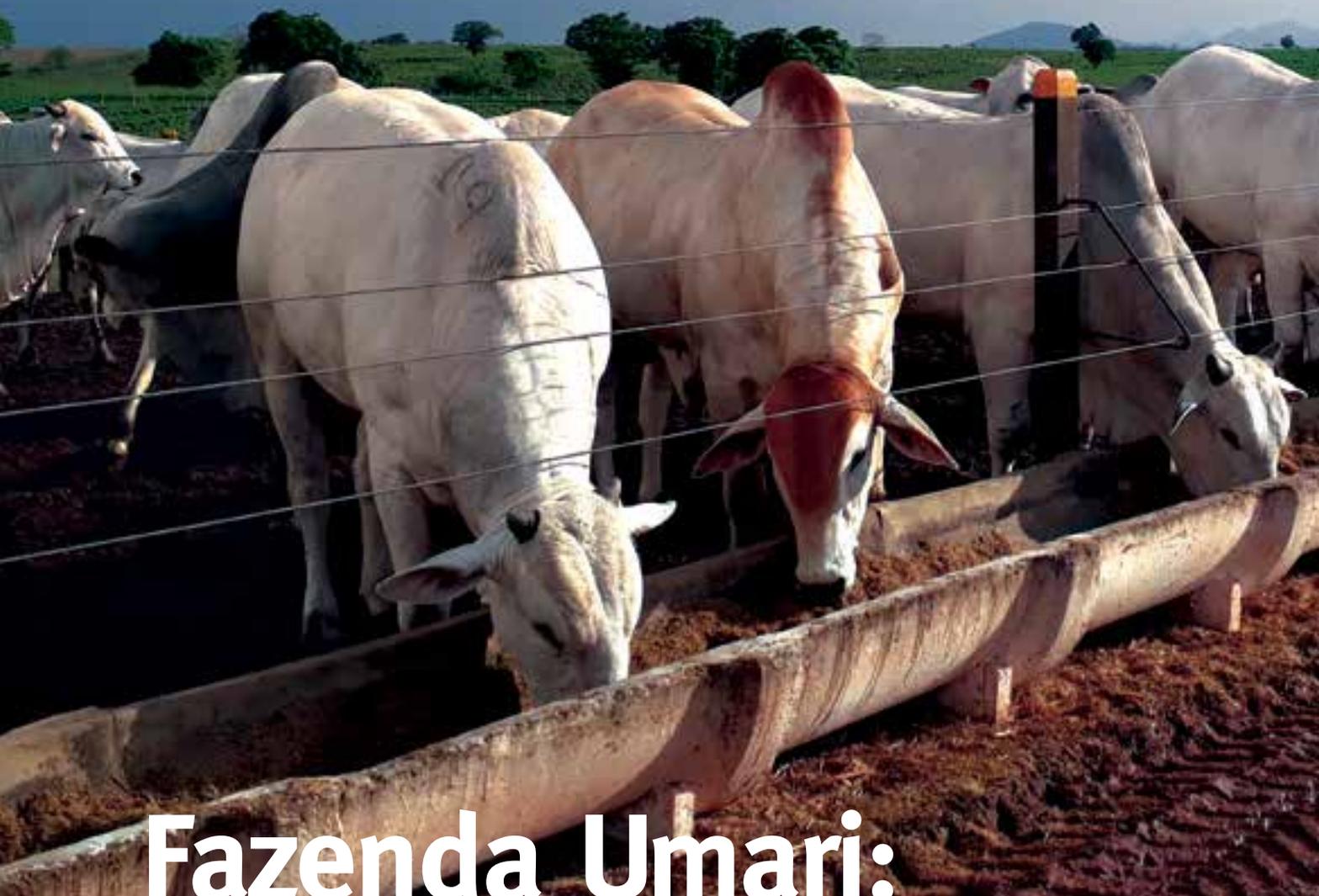
aos ingredientes usados na confecção da dieta (além das matérias-primas de excelente qualidade), utilizamos um pacote tecnológico na nutrição mineral-vitaminico-aditivada para bovinos de corte, com adição de óleos essenciais (CRINA®) e o conceito OVN® (Nutrição Vitaminica Ótima), dentre outros. O manejo diário do confinamento conduzido corretamente e a genética dos animais também colaboraram para o resultado final. ●

Tabela 3 - Valores médios dos nutrientes na dieta final:

NUTRIENTES	% na MS
Matéria Seca	69%
NDT	77%
PB	14,5%
E.E	3,9%
AMIDO	44,5%



Dieta à base de milho moído grosso, farelo de soja, torta de algodão, silagem de cana-de-açúcar e Fosbovi Confinamento CRINA® N.



Fazenda Umari: destaque em confinamento na Paraíba

Liberato Oliveira
Gerente Técnico Regional Nordeste DSM

Danilo H. Moraes Heim
Moraes & Cunha Agronegócios - Representante Comercial DSM



Confinamento na Fazenda Umari

O sistema de confinamento é uma das alternativas mais comuns para o aumento da produtividade da atividade de pecuária de corte em todo o Brasil. No entanto, a especialização é necessária, visto os riscos do sistema, o investimento em estrutura e os custos variáveis.

Enquanto os grandes centros de confinamento do País têm janela de confinamento começando a partir dos meses de junho e julho, no Nordeste, o melhor momento para o confinador começa a partir de setembro. Assim, ele vai buscar receber mais por @ venda ao final do ano, devido à

“

Dentre os estados do Nordeste, a Paraíba se destaca pelo número de animais confinados ano a ano, com plantas de capacidade estática de até 1.200 cabeças

”

maior demanda local e ao final da época de chuvas.

Dentre os estados do Nordeste, a Paraíba se destaca pelo número de animais confinados ano a ano, com plantas de capacidade estática de até 1.200 cabeças e que, em razão do longo período de estiagem, podem chegar a fazer dois giros anuais cada.

Destaque na pecuária paraibana, a fazenda Umari localizada, no município de Mari, possui área total de 2.060 ha e capacidade estática em confinamento para 1.200 cabeças. A propriedade atua na atividade pecuária desde 2001, data de aquisição da fazenda, e iniciou no confinamento em 2008, como estratégia para aumentar o desempenho dos animais na época seca e com escassez de forragens.

>>>



“Devido à grande distância dos centros pecuários do Brasil para a aquisição de bezerras e garrotes, nosso principal entrave enfrentado hoje é a reposição de animais em volume suficiente, além dos preços dos grãos no Nordeste”, fala José Adailton, proprietário da Fazenda Umarí. “Mesmo com todos os estraves, nossa perspectiva para 2018 é confinar 1.200 cabeças estáticas e fazer dois giros no ciclo pecuário de confinamento na Paraíba, que é de setembro a janeiro”, explica.

Cliente do Programa de incentivo à Tecnologia Tortuga (PITT) da DSM desde 2017, contou com a participação ativa da Empresa Representante J e D representações e com a equipe DSM, com controle de consumo de matéria seca, ajustes diários no fornecimento e controle Zootécnico no confinamento. A tabela 1 abaixo apresenta os dados de desempenho dos animais no ciclo de confinamento, de outubro/2017 a janeiro/2018.

Mesmo com uma grande quantidade de animais para os padrões do

Nordeste o ganho médio diário (GMD kg/dia) foi extremamente positivo, além disso, o rendimento de carcaça também acompanhou o desempenho dos animais. O alto peso final (acima de 19 @) é uma característica dos clientes compradores da região que preferem carcaças mais pesadas e melhor acabadas.

A base da alimentação dos animais foi silagem de capim, resíduo de cervejaria úmido, refinazil úmido, milho moído, ureia e Fosbovi confinamento. 

Tabela 1 - Desempenho de animais anelados em sistema de confinamento na Fazenda Umarí

Quantidade de animais	Peso Inicial (kg)	Peso Final (kg)	Tempo (dias)	Peso Carcaça Quente (kg)	RC (%)	GMD (kg/dia)
1.200	435,00	586,00	102	321	55	1,892



Resultados surpreendentes: aumento de 300% no número de animais abatidos.



Na Megaleite, suplementos para animais mais saudáveis e produtivos



Um dos mais importantes eventos do calendário brasileiro da produção leiteira, a Megaleite aconteceu entre os dias 20 e 23 de junho, no Parque da Gameleira, em Belo Horizonte (MG). E a equipe da DSM não poderia faltar a esse evento e levou ao público presente todos os detalhes e diferenciais da linha Bovigold®, com seus 14 produtos especialmente desenhados para solucionar os desafios da produção de leite atual.

“Os suplementos Tortuga®, marca da DSM, unem o que há de mais moderno

em tecnologia, combinando soluções que se traduzem em animais mais saudáveis e produtivos. Como dominamos a produção e a síntese dos ingredientes, nosso portfólio traz resultados de forma mais prática e garantida”, fala o gerente de categoria gado de leite da DSM, Frederico Glaser, destacando, ainda, outro diferencial da empresa, que é a presença da equipe técnica em todo o Brasil. “Dessa forma, é possível entender os sistemas e as necessidades das vacas, além da gestão das fazendas leiteiras, para potencializar o retorno aos produtores”, afirma.

Os produtos da linha Bovigold® geram benefícios ao combinar os aditivos exclusivos da companhia, como CRINA®, RumiStar™ e Metionina Protegida, somadas aos Minerais Tortuga® e às Vitaminas em nível OVN® (nutrição vitamínica ótima), que permitem o atendimento dos níveis nutricionais em cada fase. “O principal objetivo dessas tecnologias é garantir mais lucratividade nas fazendas leiteiras com a otimização dos índices zootécnicos relacionados à reprodução e à produção”, ressalta o gerente de vendas da DSM em Minas Gerias, Ronaldo Bosa.

Nutrição de alto desempenho nos principais eventos de equinos

Em maio, a equipe da DSM marcou presença em dois importantes eventos técnicos do calendário anual do mercado equino: entre os dias 2 e 5, no III Simpósio da Associação de Médicos Veterinários de Equinos da Bahia - SIMAMVEBA -, que ocorreu simultaneamente ao 13º Fórum Nacional de Gastroenterologia Equina, em Ilhéus (BA); e, nos dias 3 e 4, no VIII Encontro Brasil de Reprodução Equina - ENBREQUI, em Porto Feliz (SP).

“São eventos técnicos importantes para o setor equino para a discussão de avanços na medicina veterinária e em reprodução equina, respectivamente na Bahia e em São Paulo. E ambos são espaços importantes para apresentarmos o nosso portfólio de suplementos nutricionais que têm as tecnologias indicadas para suprir as exigências dos equinos, desde os garanhões e éguas, tanto doadoras como receptoras, até os animais utilizados

para esporte e lazer”, fala o gerente de categoria Equídeos da empresa, o médico-veterinário Ricardo Moraes.

Segundo Ricardo, o mercado brasileiro de equinos é referência internacional em termos de avanços técnicos e de tecnologias para a reprodução e a nutrição tem papel fundamental para os animais alcançarem o seu potencial genético, reprodutivo e de desempenho. ●

Tecnologia na nutrição de ruminantes na pauta da InterCorte 2018

As equipes técnica e comercial da Tortuga, marca da DSM, estiveram em Cuiabá (MT) nos dias 12 e 13 de abril para participar da etapa local da InterCorte 2018, evento itinerante realizado nas principais regiões de pecuária no Brasil, com o objetivo de apresentar aos pecuaristas as tecnologias que impulsionam os resultados da atividade.

Além de divulgar o portfólio de suplementos nutricionais para bovinos de corte da empresa, com destaque para as linhas que agregam as tecnologias CRINA® e RumiStar™ aos Minerais Tortuga e que geram excelentes resultados provados

nos campos de todo o País, a equipe da DSM também participou das apresentações da InterCorte Cuiabá.

O engenheiro-agrônomo e gerente técnico de Gado de Corte, Lucas Oliveira, ministrou

a palestra “Gestão na produção de @”, englobando as questões de nutrição e manejo e a relação com os ganhos em eficiência e em produtividade. A apresentação abriu os trabalhos do Painel “Produzir”, logo na manhã do primeiro dia do evento. ●





Nossa Gente

Tecnologia a serviço da nutrição animal

Inovações para ajudar os clientes na tomada de decisões, garantindo o aumento da produtividades e dos lucros

Mylene Abud

Enfrentar os desafios futuros e a demanda crescente por alimentos. Para Sílvia López Dubusc, Gerente Sênior de Desenvolvimento de Novos Negócios/ Inovação Tecnológica em Nutrição Animal da DSM Latam, estes são os principais objetivos das novas tecnologias. “Estamos vivendo a 4ª Revolução Industrial, com acesso a tecnologias digitais, biotecnológicas, genéticas e mobilidade que podem transformar o mundo, e precisamos de inovação tecnológica para poder atender a estas tendências e às demandas do mercado”, ressalta, lembrando que a produção de alimentos terá que saciar as necessidades mundiais de aproximadamente nove bilhões de pessoas em 2050. “A inovação tecnológica é necessária para enfrentarmos os desafios futuros os quais, sem dúvida, acontecerão nas áreas de meio ambiente, manejo de animais, para a obtenção de substitutos a proteínas vegetais e/ ou animais ou maneiras alternativas de produzi-las”, afirma.

E foram justamente esses desafios ligados à área de nutrição que levaram Sílvia a abraçar a sua profissão. Engenheira de Alimentos com Pós-graduação em Marketing e Administração de Empresas, ela optou pela área ao perceber a enorme importância do tema para a humanidade. “Quando saí da escola, não sabia bem o que escolher, pois me interessava por muitas áreas, de arquitetura a esportes. Mas hoje fico feliz por minha decisão, uma vez que me deu a oportunidade de desenvolver minha carreira em áreas de impacto, que sempre foram desafiadoras e que me motivam todos os dias”, lembra.

Para ela, a carreira escolhida foi essencial para proporcionar uma formação técnica, comercial e com base sólida em lógica. “Isso me permite entender, manejar projetos e processos de negócios complexos, que utilizo em cada novo desafio. Já são quase 25 anos na área de nutrição animal e estou sempre aberta para seguir aprendendo e me manter atualizada”, ensina.

“

A inovação tecnológica é necessária para enfrentarmos os desafios futuros os quais, sem dúvida, acontecerão nas áreas de meio ambiente, manejo de animais, para a obtenção de substitutos a proteínas vegetais e/ou animais ou maneiras alternativas de produzi-las.

”

Trabalhando na DSM há 13 anos, Sílvia, que é chilena, iniciou sua trajetória profissional na BASF em seu país, com experiências na Gerência de Contas para Nutrição Animal e, já no Brasil, na Gerência de Marketing para a América Latina, posição que ocupou até se transferir para a DSM, em 2005. Inicialmente atuando como Gerente Comercial para a AL, após três anos, foi convidada para assumir a Gerência Comercial Global de ANH em >>>



Basileia, na Suíça, onde ficou por três anos. “Depois disso, mudei de área e passei a ser Gerente de Produtos Global em Personal Care por mais dois anos no mesmo país. Em 2013, voltei ao Brasil para apoiar a integração entre a DSM e a Tortuga e, ao mesmo tempo, assumi a responsabilidade de desenvolver o novo negócio de Ruminantes para a AL, posição que gerenciei por quatro anos com a meta de definir e implementar a Estratégia e os Modelos de Negócio para cada país”, descreve.

Neste ano, Silvia López assumiu a nova posição na organização, como Gerente Sênior de Desenvolvimento de Novos Negócios/Inovação Tecnológica em Nutrição Animal para a AL, cujo desafio é incrementar a integração da DSM à era da transformação digital, com foco na inovação tecnológica e no desenvolvimento de novos negócios e ferramentas.

“Minha rotina de trabalho nesta nova função está voltada a identificar, em um primeiro momento, as demandas e oportunidades de digitalização internas e, especialmente, as externas, buscando e selecionando parceiros estratégicos e clientes em potencial para a implantação da tecnologia e/ou das ferramentas que os ajudem a entender melhor as variáveis que impactam o seu negócio e, conseqüentemente, ajudá-los a aumentar a produtividade e a rentabilidade dos seus plantéis”, comenta. Para tanto, ela trabalhará



Fazer parte da equipe da DSM é um grande orgulho, principalmente pelo fato de a empresa ter um propósito muito importante e de responsabilidade pelas gerações atuais e futuras. ‘A DSM tem me dado a oportunidade de enfrentar diversos desafios, desenvolver projetos e negócios novos e de liderar a equipe de ruminantes da América Latina. E isso é muito motivador.’



conectada com toda a organização, especialmente com as áreas de vendas, marketing e inovação, e com uma equipe multidisciplinar em Nutrição Animal.

Para ela, fazer parte da equipe da DSM é um grande orgulho, principalmente pelo fato de a empresa ter um propósito muito importante e de responsabilidade pelas gerações atuais e futuras. “A DSM tem me dado a oportunidade de enfrentar diversos desafios, desenvolver projetos e negócios novos e de liderar a equipe de ruminantes da América Latina. E isso

é muito motivador”, enfatiza, elogiando todo o potencial do novo posto: “A área de Inovação Tecnológica atuará, também, na mudança de cultura da empresa, necessária para enfrentarmos os desafios futuros. A expectativa é que a equipe possa desenvolver ao máximo o seu potencial criativo e inovador, para assessorar o cliente ainda melhor através de dados estruturados, de forma ágil e precisa, antecipando a tomada de decisões que impactem de forma positiva a produtividade e a rentabilidade do seu negócio”, finaliza.



Tortuga® é a marca mais lembrada no Top of Mind 2018



Juliano Sabella, Kátia Bezerra e Tulio Ramalho, recebem o troféu Top of Mind 2018.

Pela 21ª vez consecutiva, a Tortuga®, marca da DSM, foi eleita a empresa de nutrição animal mais lembrada pelos pecuaristas do Brasil. Este é o resultado da pesquisa Top of Mind, divulgada pela Revista Rural, conceituada publicação de

comunicação do agronegócio nacional. “O prêmio reconhece o trabalho que toda a equipe da DSM faz pela melhoria da produtividade e lucratividade de nossos clientes, através das nossas tecnologias e do nosso compromisso com a inovação”,

comemorou Juliano Sabella Acedo, diretor de marketing Ruminantes Brasil da empresa, ao receber o prêmio, ao lado de Kátia Bezerra, supervisora de marketing, e Tulio Ramalho, diretor de vendas Ruminantes Brasil. 



Nova estrutura para a AME



AME, em Londrina (PR).

Em março, o Instituto Tortuga proporcionou a instalação de um muro de vidro em toda a extensão da sede da Associação Mãos Estendidas (AME), beneficiando as crianças, os funcionários e as famílias que frequentam a entidade localizada em Londrina, no Paraná.

“Ficamos muito felizes em receber o apoio do Instituto Tortuga, que trouxe impactos para a entidade, a equipe de trabalho, os educandos participantes, as suas famílias

e, também, à comunidade, garantindo um espaço acolhedor e prazeroso, marcado por uma mudança que ocorreu não somente na estrutura física da AME, mas também no meio social de uma realidade vulnerável”, afirmou a Presidente da AME, Laura Grassano Pedalino, agradecendo, ainda, a intermediação do colaborador Fabio Jamus, que encaminhou a solicitação ao Instituto.

A AME atua há 13 anos em Londrina, no Conjunto Novo Amparo, através

de diversas ações educacionais que envolvem cerca de 90 crianças e adolescentes na faixa etária de cinco a 14 anos e suas famílias, oferecendo um modelo de educação que contribui para a formação de futuros cidadãos. A AME tem compromisso com a continuidade, o aperfeiçoamento nas áreas de atendimento a demandas sociais, o combate à violência, a proteção social, a segurança alimentar, a educação, a cultura, o esporte e o lazer. 

Inspirado nas ações do Instituto Tortuga, site de Mairinque é premiado nos Estados Unidos



Da esquerda para a direita: Patrícia Preto, Rosenilda Andrade, Gabriel Romero, Dave Ellis, Hans Satch e Felipe Saes, em Miami.

Vídeo sobre as ações realizadas pelo Instituto Tortuga, apresentado no site da Unidade de Mairinque (SP), foi escolhido como um bom exemplo de implementação de uma única agenda cultural DSM pela criação de ações que impactam positivamente a comunidade durante a reunião dos gerentes de operações realizada em Miami (EUA) no mês de abril.

O vídeo das ações do Instituto Tortuga foi apresentado pelo diretor do site de Mairinque, Felipe Saes. “A DSM, detentora da marca Tortuga, realiza os seus negócios demonstrando que é possível fazer o bem e investir no

futuro das novas gerações, indo além da rotina operacional de entregar produtos no tempo e na qualidade ao cliente. Aproveitamos a oportunidade para compartilhar e discutir os resultados, as boas práticas e as estratégias da empresa para Operações”, ressalta Felipe, destacando a importância da premiação durante a reunião que ocorre anualmente nos Estados Unidos com a participação de todos os sites managers de Operações das Américas.

Desde 2005, o Instituto Tortuga, com o apoio da DSM e de seus colaboradores, vem desenvolvendo projetos e ações

abrangendo 13 estados brasileiros. Os projetos são realizados em parceria com instituições do terceiro setor e prefeituras, com foco em educação e cultura para crianças e adolescentes. Os projetos trabalham questões como cidadania, saúde, meio ambiente e profissionalização de jovens e adolescentes, buscando melhorias de qualidade em educação e investindo no crescimento pessoal e profissional das novas gerações.

Além de Felipe Saes, participaram da reunião os representantes do Instituto Tortuga Patrícia Preto, Rosenilda de Andrade, Davi Ellis, Hans Stach e Gabriel Romero. 



Bem-estar animal é fundamental

Boas práticas, aliadas à simplicidade do campo, são essenciais para a rotina das fazendas

Pedro Bittencourt Trindade

Assistente Técnico Comercial DSM

Consultor em projetos de pecuária de corte em cria, recria e engorda, o zootecnista Gilmar Sousa Dutra trabalha, desde 2006, em fazendas de corte no estado da Bahia. “Comecei a trabalhar nas propriedades quando ainda estava em fase de conclusão do curso de Zootecnia, participando da rotina e convivendo com os peões do campo (colaboradores do gado). Foi um aprendizado muito importante para a formação de base e pude entender as dificuldades diárias em qualquer sistema de criação. Depois de sete anos, iniciei um trabalho de formação de base para os colaboradores de campo nas propriedades assistidas e, nesta linha, tenho hoje a oportunidade de transmitir o conhecimento obtido durante todo este período”, conta Gilmar.

Em sua trajetória profissional, o zootecnista considera estimulantes a busca diária por novos conhecimentos e pelo crescimento. “O que me dá mais orgulho é ver que, a cada dia, novos desafios aparecem e são superados. É poder olhar para trás e ver quanta coisa evoluiu”, ressalta. “De origem humilde e base familiar vinda do campo, hoje, posso passar aos meus filhos valores importantes na vida de qualquer ser humano: a humildade do homem do campo, pessoa sincera, correta e trabalhadora que tem como principal objetivo colocar a comida na mesa dos brasileiros”, aponta.

Outra prioridade para Gilmar em sua atividade é zelar pelo bem-estar animal. “Fazer o animal se sentir bem, ter boas pastagens e bom acesso às aguadas de qualidade, ser bem tratado na questão sanitária e ter uma correta nutrição do rebanho é fundamental”, enfatiza.

Entre os principais obstáculos enfrentados no dia a dia, o zootecnista cita a falta de mão de obra especializada: “Alguns colaboradores ainda não entenderam que eles são parte importante do processo e que o crescimento da fazenda será o crescimento deles”. Por outro



Gilmar Sousa Dutra, consultor e zootecnista

lado, elogia a adoção de novas tecnologias no campo para a resolução de diversas situações, como melhorar o desempenho em ganho de peso dos animais e, por conseguinte, elevar as taxas de prenhez, de desmama e a produção de arrobas/ha/ano. “Mas tudo isso depende da participação dos nossos colaboradores”, salienta.

Várias propriedades atendidas por Gilmar já são clientes da DSM, detentora da marca Tortuga, há mais de dez anos. Algumas procuraram a empresa e as tecnologias de seus produtos em nutrição animal durante o processo de intensificação dos seus sistemas, em busca de melhores resultados; outras, após a avaliação de resultados, tornaram-se parceiras. “Eles optam por mudanças com base em números, fruto do trabalho obtido através do próprio sistema de produção. Nesta premissa, tomam-se parceiras da DSM, tendo como principal objetivo a lucratividade do negócio”, destaca.

Gilmar considera que os suplementos nutricionais são de grande importância para as fazendas pela facilidade de manipulação e flexibilidade de fórmulas utilizando os núcleos (Crescimento, Engorda, Reprodução, Confinamento CRINA® e CRINA® RumiStar™). Para aquelas que não possuem estrutura física de mistura, aponta o Fosbovi Reprodução como carro-chefe, suprimindo as necessidades dos animais, mediante os desafios enfrentados no dia a dia. “Com o auxílio dos produtos e do corpo técnico da DSM, temos a tranquilidade e a confiança nos resultados almejados”, observa o zootecnista.

“Com a DSM, pude enxergar novos horizontes. Para enfrentar as barreiras no dia a dia, sei que não estarei mais sozinho, mas com um parceiro ao meu lado, resolvendo junto os maiores desafios em uma atividade que, a cada dia que passa, torna-se mais desafiadora”, conclui Gilmar.



Nossas dicas para aumentar a produtividade da sua fazenda vem de muito tempo.



Em 21 anos...

A Tortuga®, uma marca da DSM, está presente em todo o Brasil, países da América Latina e da América Central. Com o Programa Boi Verde e com o emprego de novas tecnologias – como o pioneiro uso de enzimas para ruminantes –, a DSM afirma seu compromisso com o resultado de seus clientes e o respeito da empresa com o meio ambiente. Alguns números ao longo desses 21 anos ilustram os fatos:

- lançamos mais de 50 produtos
- empregamos mais de 10 tecnologias inovadoras nos produtos
- suplementamos mais de 400 milhões de animais
- reduzimos a emissão de CO₂ anual, equivalente ao plantio de mais de 2 milhões de árvores*

É por estas e por outras razões que a Tortuga®, uma marca DSM, foi eleita, pelo 21º ano consecutivo, a marca Top of Mind Rural na categorial sal mineral.

www.tortuga.com.br

*VALORES ESTIMADOS COM BASE EM INFORMAÇÕES DA DSM.

